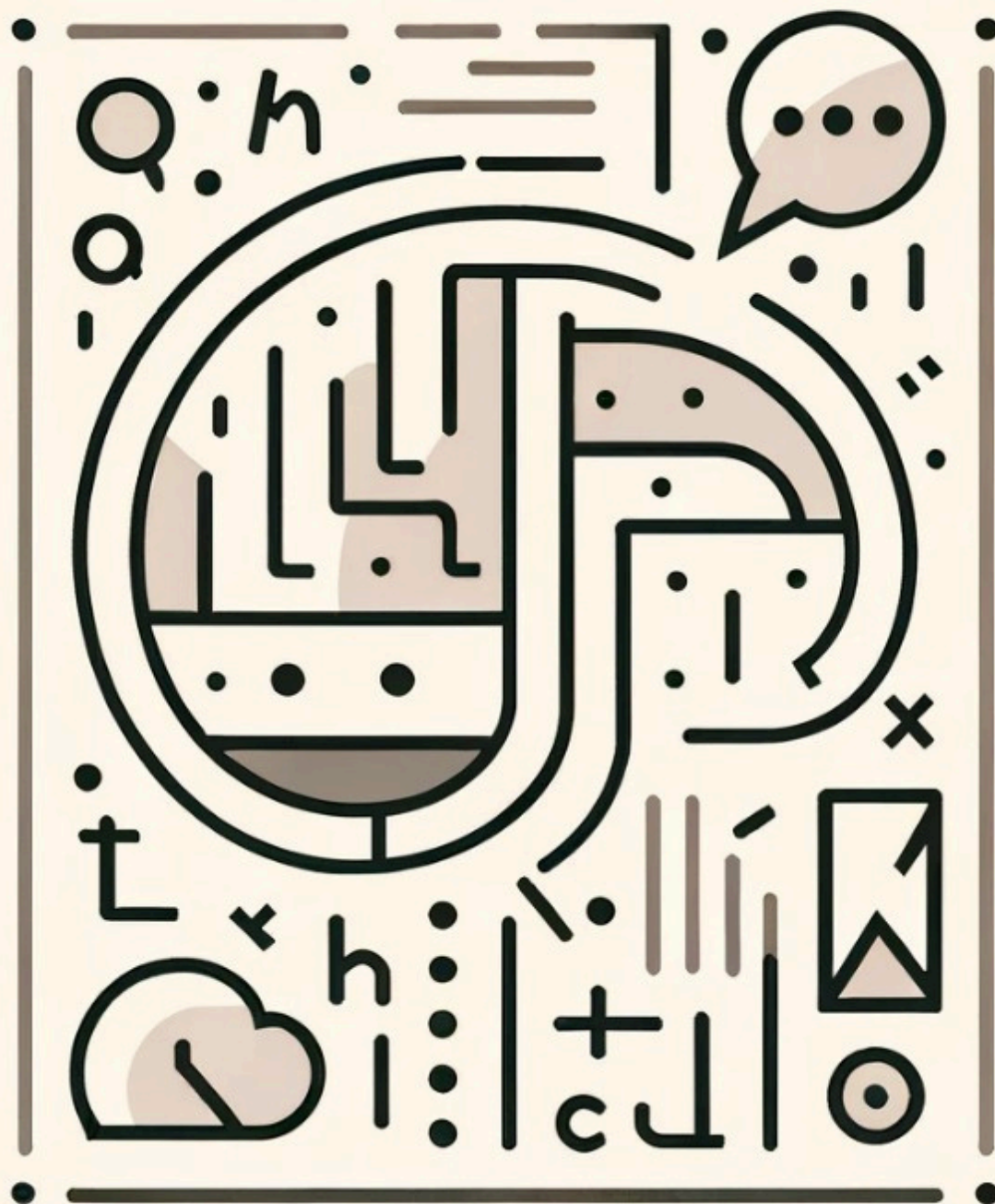


CADERNO DE *SQUIBS*

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM



V. 9 | N. 2 | 2023

Caderno de *Squibs*

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM

V. 9 | N. 2 | 2023

ORGANIZADORES

Helena da Silva Guerra Vicente
Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior
Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho
Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Morais Ferreira
Universidade de Brasília

CONSELHO EDITORIAL

Helena da Silva Guerra Vicente
Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho
Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior
Universidade de Brasília

Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron
Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Morais Ferreira
Universidade de Brasília

Bruna Elisa da Costa Moreira
Universidade de Brasília

Cristiany Fernandes da Silva
Universidade de Brasília

APOIO

Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)

Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (LabForm/PPGL/UnB)

CONSELHO CIENTÍFICO

Aroldo Leal de Andrade

Universidade Federal de Minas Gerais

Marina Rosa Ana Augusto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Indaiá de Santana Bassani

Universidade Federal de São Paulo

Simone Lúcia Guesser

Universidade Federal de Roraima

Ana Paula Quadros Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Telma Moreira Vianna Magalhães

Universidade Federal de Alagoas

José Ferrari Neto

Universidade Federal da Paraíba

Roberta Pires de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Gabriel de Avila Othero

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sandra Quarezemin

Universidade Federal de Santa Catarina

Núbia Saraiva Ferreira Rech

Universidade Federal de Santa Catarina

Marcelo Amorim Sibaldo

Universidade Federal de Pernambuco

Claudia Roberta Tavares Silva

Universidade Federal de Pernambuco

André Luis Antonelli

Universidade Estadual de Maringá

Andrea Knöpfle

Fábio Bonfim Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

Adeilson Pinheiro Sedrins

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Déborah de Mendonça Oliveira

Universidade Católica de Brasília

Lilian Coelho Pires

Univ. do Estado de Santa Catarina

Alexandre Costa-Leite

Universidade de Brasília

Ana Paula Scher

Universidade de São Paulo

Maria Cristina Figueiredo Silva

Universidade Federal do Paraná

Keli Cristiane Eugênio Souto

Univ. Estadual de Montes Claros

Zenaide Dias Teixeira

Universidade Estadual de Goiás

Thiago Costa Chacon

Universidade de Brasília

Aveliny Mantovan Lima

Universidade de Brasília

Ezekiel J. Panitz

Universidade de São Paulo

Leonor Simioni

Universidade Federal do Pampa

Patricia de Araujo Rodrigues

Universidade Federal do Paraná

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Rerisson Cavalcante de Araújo

Universidade Federal da Bahia

Poliana Camargo Rabelo

Carlos Felipe da Conceição Pinto

Universidade Federal da Bahia

Andrew Nevins

Universidade Federal do Rio de Janeiro
University College London

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho
Universidade de Brasília

Alessandro Boechat de Medeiros
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Bruna Elisa da Costa Moreira
Universidade de Brasília

Jairo Morais Nunes
Universidade de São Paulo

Eduardo Kenedy
Universidade Federal Fluminense

Renato Miguel Basso
Universidade Federal de São Carlos

Aquiles Tescari Neto
Universidade Estadual de Campinas

Suzana Fong
Massachusetts Institute of Technology

Jéssica Viana Mendes
University of Maryland

Eneida de Goes Leal
Pontifícia Univ. Católica do Rio Grande do Sul

Lílian Teixeira de Sousa
Universidade Federal da Bahia

Janayna Maria da Rocha Carvalho
Universidade Federal de Minas Gerais

Karina Gomes Bertolino
Universidade de São Paulo

Lara Frutos González
Univ. Estadual do Oeste do Paraná

Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília

Teresa Cristina Wachowicz
Universidade Federal do Paraná

Virgínia Andrea Garrido Meirelles
Universidade de Brasília

Esmeralda Vailati Negrão
Universidade de São Paulo

Maria Eugenia Lammoglia Duarte
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria José Gnatta Dalcuche Foltran
Universidade Federal do Paraná

Roberlei Alves Bertucci
Univ. Tecnológica Federal do Paraná

Marcos Barbosa Carreira
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ana Regina Vaz Calindro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes
Universidade Estadual de Campinas

Luisandro Mendes de Souza
Universidade Federal do Paraná

Paulo Medeiros Junior
Universidade de Brasília

ARTE DA CAPA

Fabício de Carvalho Côrtes

LEITURA E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Helena da Silva Guerra Vicente
Elisabete Luciana Morais Ferreira

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística.
Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (LabForm/PPGL/UnB).
Vol. 9, N.2 (Dez. 2023). Brasília, DF: Universidade de Brasília.
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.
Semestral. 2015.
ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)
CDD 410
CDU 81

SUMÁRIO

Apresentação	7
---------------------	---

Squib convidado

Exploring the syntax/diachrony of a recent type of negation in BP Sonia Cyrino	9
--	---

Artigo convidado

As raízes da semântica e a semântica das raízes: notas sobre “conteúdo semântico” em Morfologia Maurício Resende	18
--	----

Squibs

AdvP alto vai na periferia direita fácil fácil: X-mente e adjetivo adverbial na cartografia Sara Adelino	43
--	----

Los verbos implicativos y sus múltiples dimensiones de significado Cecilia Bértola	50
--	----

A variação morfológica na realização do <i>perfect</i> universal no italiano Thais Lima Lopes	59
---	----

Apresentação

É com imenso prazer e orgulho que apresentamos mais um número do **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, publicação vinculada ao Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (LabForm/PPGL/UnB), cujo objetivo é congrega docentes e discentes na tarefa de divulgar conhecimento científico na área da Linguística de vertente formal. Apesar de estar sendo lançado em fevereiro de 2025, trata-se de um número retroativo ao segundo semestre de 2023 e, para fins de citação, é essa última informação que deve prevalecer.

Este número compõe-se de cinco trabalhos: um *squib* convidado, um artigo convidado e três *squibs*, nessa ordem.

No *squib* convidado, **Exploring the syntax/diachrony of a recent type of negation in BP**, Sonia Cyrino reflete sobre um tipo inovador de negação no discurso oral/informal do PB, em que a palavra “não” ocorre entre o verbo auxiliar e o verbo principal, com entonação enfática, como em “Não solicitei a troca porque já estava **não** gostando do atendimento” (grifo meu). A hipótese da autora é a de que tal inovação teria sido provocada pelas mudanças sintáticas sofridas pelo PB ao longo dos séculos 18 e 19, como, para citar apenas um exemplo, a perda do movimento do verbo principal para T.

No artigo convidado, **As raízes da semântica e a semântica das raízes: notas sobre “conteúdo semântico” em Morfologia**, Maurício Resende conduz uma discussão na interface Morfologia/Semântica sobre o que vem a ser “conteúdo semântico” em alguns desenvolvimentos da teoria linguística. O autor conduz a sua reflexão por diferentes perspectivas teóricas, desde a visão estruturalista de que os morfemas são as menores unidades de significado (“morfologia baseada em morfemas”), até modelos lexicalistas, em que parte dos processos morfológicos ocorre já no léxico, ou seja, previamente à Sintaxe (“morfologia de palavra”), e modelos não lexicalistas, nos quais as propriedades das palavras são construídas ou distribuem-se ao longo das derivações sintáticas, como é o caso da Morfologia Distribuída. Resende chama a atenção do leitor, aliás, para as questões morfossemânticas que podem advir das proposições de novos modelos teóricos.

O *squib* de Sara Adelino, **AdvP alto vai na periferia direita fácil fácil: X-mente e adjetivo adverbial na cartografia**, propõe comparar os usos dos chamados “adjetivos adverbiais” (“O socorro veio rápido”) e dos advérbios em *-mente* (“Ela relata que frequentemente baratas e ratos saem do terreno”) em diferentes contextos, demonstrando a possibilidade de ambos funcionarem como modificadores de verbos e sentenças. Entretanto, a autora aponta uma assimetria em sua distribuição e função que parece desafiar a compreensão desses elementos em uma perspectiva cartográfica.

No *squib* **Los verbos implicativos y sus múltiples dimensiones de significado**, Cecilia Bértola se debruça sobre os diferentes padrões de inferência gerados pelos verbos implicativos *lograr* (“Juan logró terminar la tesis”) e *animarse a* (“Juan no se animó a hablar com su jefe”), associando-os, ainda, a dois tipos de conteúdo: um, principal, geralmente relacionado ao conteúdo expresso no complemento (CPT, *contenido principal a transmitir*, adaptado da noção em inglês *at issue*), e outro, secundário, geralmente relacionado ao componente pressuposto ou implicado (CS, *contenido secundario*, do inglês, *not at issue*).

No *squib* **A variação morfológica na realização do *perfect* universal no italiano**, Thais Lima Lopes, por meio de uma revisão sistemática da literatura, confirma a hipótese vigente de que haveria duas maneiras de realizar o aspecto *perfect* universal (em que “o momento do evento se estende até o momento de referência”) em italiano: por meio do presente simples e da perífrase progressiva com auxiliar no presente. A autora, no entanto, identifica um terceiro contexto para a realização desse aspecto: o passado composto — quando modificado pelo advérbio *finora* (‘até agora’) e/ou associado a certos tipos de verbos, com propriedades aspectuais específicas.

Gostaríamos de agradecer a todos os envolvidos na publicação do presente número do **Caderno de Squibs**: autores, pareceristas, Corpo Editorial, colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília e ao nosso Programa de Pós-Graduação em Linguística pela verba concedida por meio da Chamada Interna n.º 13/2024. Gostaríamos de registrar também um agradecimento especial aos professores Sonia Cyrino e Maurício Resende, que gentilmente aceitaram o convite para abrir este número do Caderno.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Helena Guerra Vicente

Exploring the syntax/diachrony of a recent type of negation in BP

Sonia Cyrino*

Abstract

In this squib, I describe a novel type of negation in Brazilian Portuguese that has been found in oral/informal speech, whereby the negative marker *não* appears between an auxiliary and a lexical verb. I advance an analysis based on the nanosyntax approach to syntax in order to explain this low position of negation, uncommon in other Romance languages. Given its properties, I propose that this new kind of negation is best analyzed as Focus Negation, merged in the low left periphery of the clause. Additionally, I present my hypothesis on why this type of focus negation may have evolved and became possible in the language.

Keywords: negation; nanosyntax; Brazilian Portuguese; diachronic syntax

Resumo

Neste *squib*, descrevo um novo tipo de negação no português brasileiro, a qual tem sido encontrada no discurso oral/informal, e em que o marcador negativo *não* aparece entre um verbo auxiliar e um verbo lexical. Eu apresento uma análise baseada em um enfoque da nanossintaxe com a finalidade de explicar essa posição baixa da negação, incomum em outras línguas românicas. Dadas as suas propriedades, eu proponho que esse novo tipo de negação pode ser analisado como *Focus Negation*, concatenada na periferia baixa da sentença. Além disso, eu apresento minha hipótese sobre por que esse tipo de negação pode ter surgido e se tornado possível na língua.

Palavras-chave: negação; nanossintaxe; português brasileiro; sintaxe diacrônica

*Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. E-mail: cyrino@unicamp.br. Grants CNPq 303015/2022-5 and FAPESP 2023/04610-0.

1 Introduction

It is well-known that there are three positions for the negative word *não* in sentential negation in Brazilian Portuguese (henceforth, BP) (see Teixeira de Sousa, 2012, 2015, and references therein):

- (1) a. Eu *não* comi o chocolate. Neg1
I not ate the chocolate
- b. Eu *não* comi o chocolate, *não*. Neg2
I not ate the chocolate no
- c. Comi (o chocolate) *não*. Neg3
ate the chocolate no
'I didn't eat the chocolate.'

(1a) is the unmarked form for sentential negation. According to the literature referenced above, (1b) and (1c) are related to pragmatic/discourse functions.

Recently, another position for the negative word *não* has been noted in the literature on negation in BP (Cyrino, 2022a, 2022b; De Paula, 2014): *não* is possible between the auxiliary and the main verb, as in (2).

- (2) a. Não se esqueça: eu nunca estou *não* pensando em você.
not CL3 forget I never am not thinking in you
'Don't forget, I am never not thinking about you.'
- b. Ultimamente tenho *não* feito as refeições no horário certo.
lately have not done the meals in-the time right
'Lately (I) have not had my meals in the correct time.'
- c. Minha conexão é discada; então eu estou *não* trabalhando
my connection is dialed so I am not working
com meu servidor.
with my server
'My connection is dialed; so I am not working with my server.'
- d. Tenho *não* estado tão presente no Instagram esse ano...
have not been so present in-the Instagram this year
'I have not been so present in Instagram this year...'

This is a novel construction produced in oral speech, but it can also be easily found on the internet, in social media, in which, though written, informal language is used to convey naturalness. In this squib, I will present a brief analysis on the properties of this novel negation, (henceforth, 'low *não*') based on the work in Cyrino (2022a, 2022b, 2023, 2024a, 2024b), and I will present some considerations on the diachronic reanalysis that may have led to the appearance of this construction in BP.

2 On the pragmatic properties of 'low *não*' in BP

Besides appearing between the auxiliary and the lexical verb, this type of negation in BP has some interesting pragmatic properties, which I mention below.

First, 'low *não*' must be stressed (for emphasis), and it conveys a contrast between what the *speaker* thinks the *hearer* knows, that is, according to the *speaker*, the hearer is getting new/unexpected information. In (3) the *speaker* believes the hearer does not know the information in the sentence, and uses 'low *não*' to emphasize this fact:¹

(3) [Context: The *speaker* is talking to his friend about a certain dish that was not good]

Não solicitei a troca porque já estava *não* gostando
 not asked the replacement because already was not liking
 do atendimento
 of-the service

'I did not ask for a replacement because I was already not appreciating the service.'

Additionally, since it requires emphatic intonation, the negative clitic form *num* is not possible in 'low *não*' constructions (4):

(4) Ela tem *não*/**num* vivido bem ultimamente.
 she has not lived well lately
 'She has not lived well lately.'

Interestingly, 'low *não*' may also *co-occur* with sentential negation. In this case, the sentence is interpreted as double negation, that is, as its positive counterpart:

(5) [Context: The doctor ordered the speaker to stop eating sugar, but, since she is not following his orders, assuming the hearer doesn't know the latter fact, she says]

O médico me mandou *não* comer açúcar, mas...

'The doctor ordered me not to eat sugar, but...'

eu *não* tenho *não* comido açúcar.

I not have not eaten sugar

'I have not not eaten sugar.'

'It's not the case that I have not eaten sugar' = I have eaten sugar

Hence, when used in a sentence, 'low *não*' does not deny a proposition previously asserted; its function is to modify the main verb and to convey information that is assumed by the *speaker* not to be known by the hearer.

¹Not all the examples in this report are taken from the internet, but all of them had their grammaticality confirmed either by introspection or by the judgement of BP speakers I consulted.

3 On the syntax of ‘low *não*’

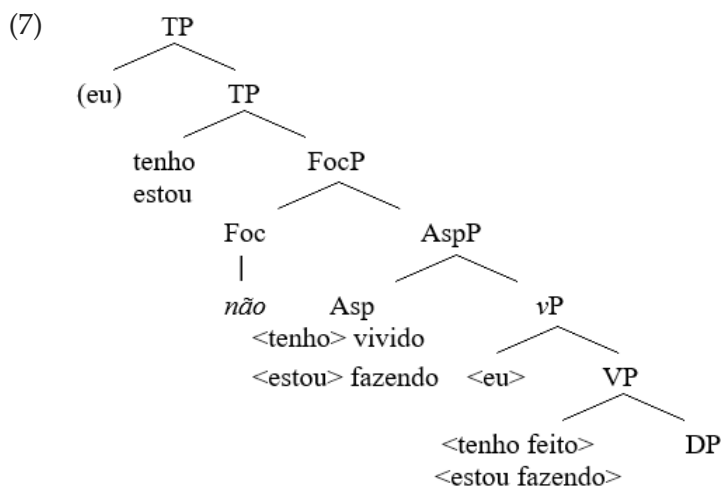
Consider the contrast in (6).

- (6) a. Eu *não* tenho lido jornal ultimamente.
I not have read newspaper lately
- b. Eu tenho *não* lido jornal ultimamente.
I have not read newspaper lately
‘I have not read newspapers lately.’

In (6a), *não* conveys simple sentential negation, whereby the speaker states his recent habits, whereas in (6b), there is an extra reading for the sentence. The *speaker* is making a statement which intends to convey what *he thinks is present in the hearer’s knowledge about his habits*. In order to do that, he uses intonational stress on a pre-verbal *não*.

Following the nanosyntax approach to negation in DeClercq (2013), Cyrino (2022a, 2022b, 2024a, 2024b) analyzes this occurrence of negation in BP as an instance of Focus negation, (henceforth, Foc^{Neg}).

Considering periphrastic constructions in BP, Cyrino (2022a, 2022b, 2023, 2024a, 2024b) proposes that Foc^{NegP} is merged in the verbal low left periphery (Belletti, 2004), and it does not take scope over the *tensed* predicate. BP is a language that has low verb movement to an Aspectual head (Cyrino; Matos, 2005); hence FocusP (Foc^{NegP}) is merged above AspP in the language.² The analysis assumes the recent proposals for periphrastic tenses in BP (Araújo-Adriano, 2022), whereby both auxiliaries and lexical verbs are merged inside the verbal domain. Since BP has lost main verb movement (see Cyrino, 2013, among others), the lexical verb moves only as high as Asp. Auxiliaries *estar* ‘be’ and *ter* ‘have’ are first merged inside vP; lexical verbs get their suffix *-ndo* ‘-ing’ and *-do* ‘-ed’ inside the vP. Cyrino (2022a, 2022b, 2024a, 2024b) proposes the structure in (7) for ‘low *não*’:



In the next section I address the question: why did this possibility for negation arise in BP?

²It has been argued in the literature that FocP (and TopP) in the low left periphery are merged above AspP in some languages (see for example Ouwayda & Shlonsky (2016) and Marwan & Abusalim (2021)).

4 On the diachronic change leading to ‘low *não*’

In this section I present a hypothesis for the appearance of ‘low *não*’ based on studies on how negation is/has been expressed and received a morphological analysis in BP.

Before I present my hypothesis for the diachronic process, we must consider the syncretism in forms of negation in BP. In the introduction, we have seen this syncretism in the three types of *não* — the well-studied forms of BP negation — , and in this squib, I have briefly presented a fourth type.

To understand the appearance of ‘low *não*’, I turn to DeClercq’s (2013, 2020) nanosyntax approach once again. The author observes the syncretism in negative markers in different languages, and she proposes that these markers can be arranged in a paradigm of contiguous cells in a nanosyntactic tree. Negative markers are of four types: negative polarity markers, negative focus markers, negative degree/classifier markers and negative quantity markers, seen in (8):

- (8) Classification of four types of negative markers (De Clercq, 2013, 2020):
- a. Negative polarity markers (Pol^{Neg}) *She is not happy, is she?*
 - b. Focus markers (Foc^{Neg}) *She is NOT happy, isn’t she?*
 - c. Classifying markers (Class^{Neg}) *She is non-professional.*
 - d. Quantity markers (Q^{Neg}) *She is unhappy.*

Considering BP, except for Q^{Neg}, we also observe syncretism in negative markers:

- (9)
- a. *Eu não tenho comido chocolate.* Pol^{Neg}: *não*
‘I haven’t eaten chocolate.’
 - b. *Eu tenho comido não chocolate, mas peras.* Foc^{Neg}: *não*
‘I have eaten not chocolate, but pears.’
 - c. *Eu tenho sido um cantor não profissional.* Class^{Neg}: *não*
‘I have been a nonprofessional singer.’
 - d. *Eu tenho sido infeliz.* Q^{Neg}: *in*
‘I have been unhappy.’

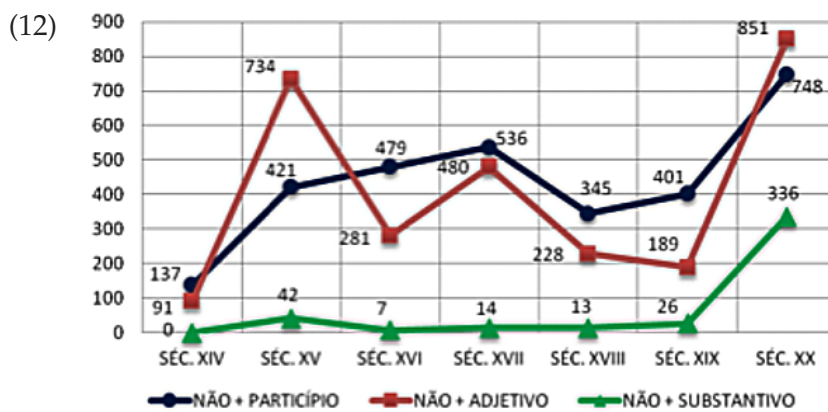
If we consider BP Class^{Neg} *não*, we observe that it attaches to gradable adjectives (10a), participles (10b), and deverbal nouns, (10c):

- (10)
- a. *O sistema é lento, não-confiável e parcial.* (Adjective)
the system is slow not-trustworthy and partial
‘The system is slow, untrustworthy and partial.’
 - b. *Use um dado não viciado e numerado de 1 a 6.* (Participle)
use a dice not vitiated and numbered from 1 to 6
‘Use an unbiased dice numbered from 1 to 6.’
 - c. *O não-pagamento da dívida trará consequências.* (Noun)
the non payment of-the debt bring.FUT consequences
‘The nonpayment of the debt will bring consequences.’

These facts lead us to a hypothesis on why the emergence of ‘low *não*’ was possible in BP. Considering the diachrony of constituent negation in a morphology framework, the literature shows that negative prefixes as *a-*, *in-* and *des-* have been possible in the language since the 16th century. As for *não*, data from the 16th century (Campos, 2009) show only 2 occurrences of the negative marker, and they appear next to participles (adjectives):

- (11) a. Ao derradeiro e quinto módo chamam infinitivo,
to-the last and fifth mood call.3PL infinitive
que quer dizer *nam* acabádo...
that wants say not finished
‘They call the fifth mood ‘infinitive’, which means not finished.’
- b. e som chamadas principe *nom* animado:
and are called prince not animated
e o rrei he principe animado
and the king is prince animated
‘and they are called ‘non-animated prince’
and the king is ‘animated prince’.

Both Campos (2009) and Pereira (2012) show that forms as the ones in (10c), where *não* attaches to a noun, although possible, were rarely used before the 19th century. In fact, Pereira (2012) shows that this use becomes more frequent in the 20th century. The graph in (12), from Pereira (2012), shows the parallel trajectory of *não*+participle and *não*+adjective (blue and red line respectively), besides the rise of *não*+noun (green line) in her data.



Source: Pereira (2012, p. 105).

We may hypothesize that the existence of the prefix *nãO-*, which can be analyzed as the category $\text{Class}^{\text{Neg}} \text{ nãO}$ in the framework assumed in this squib, led to a reanalysis of the negator *nãO*, which, when modifying a *nonfinite* verbal form³, is merged into a Foc^{Neg} position. In other words, the negative marker *nãO* that appeared as constituent negation for *nouns*, *adjectives* and *participles*, allowed, from the 19th century on, a new form of negation with *nãO* to become possible in BP and to be reanalyzed as Foc^{Neg} .

³In this squib, I concentrate on nonfinite verbal forms as participles and gerunds, but see Cyrino (2022a, 2022b), in which infinitives in progressive periphrases are included in the study of the ‘low *nãO*’ construction.

The reanalysis was *structurally* possible since the lexical verb lost its movement and was merged in Asp, whereas the auxiliary verb moved up to Tense. This split made a Focus position in the low left periphery available for the merge of Foc^{Neg}.

The *late* appearance of Class^{Neg} *não* in BP seen in the blue line in the diachronic data above may have played a part in the appearance of the novel ‘low *não*’, since it demonstrates that *não* could attach to non-inflected verbal forms. Importantly, as pointed out above, this change was possible because of other changes in BP syntax, such as the loss of (high) lexical verb movement in general. Additionally, since both Class^{Neg} *não*- and Foc^{Neg} *não* express ‘contradiction’ (De Clercq, 2013, 2020), the diachronic change, represented in (13), could have been facilitated. In other words, the affix *não*- could be reanalyzed as the novel ‘low *não*’, which also appears right before *non-inflected forms* of the verb.

(12) *não*-Adj/Part > *não* V[-finite]

Nevertheless, the hypothesis presented in this squib awaits further detailed studies to confirm its validity.

5 Conclusion

Although negation may appear in several positions in the languages (Espinal, 1991; Zanuttini, 1997; Poletto, 2008, De Clercq, 2013, 2020, among others), why was it possible for *não* in BP to appear between the auxiliary and the main verb and have specific properties, in an innovative way? Cyrino (2024b) describes the differences among low occurrence of negation in Romance languages as Catalan, Italian and French and BP. The main reason is that, differently from these other languages, BP underwent several other syntactic changes around the 18th/19th century, such as the loss of complex predicates (periphrastic tenses and restructuring) (Cyrino, 2013), the loss of main verb movement to T (Cyrino, 2013; Tescari-Neto, 2013), and the analyticization of verbal forms (Araújo-Adriano, 2022). These changes paved the way for a negative marker such as *não* to be able to attach to nonfinite verbal forms and express contradiction and/or what has been called FALSUM focus in the literature (see Cyrino, 2024b).

References

- ARAÚJO-ADRIANO, P. The position of the verb with respect to the adverb *sempre* over four centuries: diagnostics for (the loss of high) verb movement in Brazilian Portuguese. *Journal of Historical Syntax*, v. 3, n. 6, p. 31-50, 2022.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, L. (ed.). *The structure of IP and CP: the cartography of syntactic structures*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 16-51.
- CAMPOS, L. S. *A negação prefixal na história da língua portuguesa*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, 2004.

CAMPOS, L. S. O desenvolvimento do prefixo não. In: OLIVEIRA, K.; CUNHA, E.; SOUZA, H. F.; SOLEDAD, J. (ed.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 247-271.

CYRINO, S. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, V.; JIMÉNEZ-FERNANDEZ, Á.; MARTIN-GONZÁLEZ, J.; REYES-TEJEDOR, M. (ed.). *Information structure and agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 297-317.

CYRINO, S. *More on negation in Brazilian Portuguese*. Presentation at the History of Negation Group Seminar [online]. October 27, 2022a.

CYRINO, S. *More on negation in Brazilian Portuguese*. Presentation at the Romance Linguistics Circle (RoLinC) [online]. University of Cambridge and University of Newcastle. November 1, 2022b. Available at: <https://rolinc.org/present-talks/>.

CYRINO, S. More on the diachrony of *não* in Brazilian Portuguese. Paper presented at the *Diachronies of Negation – SALT33*. Yale University, May 11, 2023. Available at: <https://saltconf.github.io/salt33/materials/cyrino.pdf>.

CYRINO, S. More on negation in Brazilian Portuguese. *Estudos Linguísticos e Literários* (UFBA), n. 77, p. 449-469, 2024a.

CYRINO, S. *On low negation in Brazilian Portuguese progressive periphrases*. Ms. Report for FAPESP, grant 2023/04610-0. 2024b.

CYRINO, S.; MATOS, G. Local licensors and recovering in VP ellipsis. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, p. 79-112, 2005.

DE CLERCQ, K. *A unified syntax of negation*. PhD Dissertation – Universiteit Gent, Ghent, 2013.

DE CLERCQ, K. Types of negation. In: DÉPREZ, V.; SPINAL, M. T. (ed.). *Oxford Handbook of Negation*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 105-129.

DE PAULA, D. C. F. *O sintagma verbal em português: construções perifrásticas e não-perifrásticas*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), São José do Rio Preto, 2014.

ESPINAL, M. T. Negation in Catalan. Some remarks with regard to *no pas*. *Catalan Working Papers in Linguistics* (Bellaterra), v. 1, p. 33-63, 1991.

HORN, L. *A Natural History of Negation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

KJELLMER, G. Negated Adjectives in Modern English: A corpus-based study. *Studia Neophilologica*, v. 77, n. 2, p. 156-170, 2005.

OUWAYDA, S.; SHLONSKY, U. The wandering subjects of the Levant: “Verbal Complexes” in Lebanese Arabic as phrasal movement. *Brill’s annual of Afroasiatic languages and linguistics*, v. 8, p. 136-153, 2016.

PANTE, M. R.; MENEZES, A. C. O prefixo “não-”: polissemia e produtividade no processo de formação de palavras. *Acta Scientiarum: human and social sciences*, v. 25, n. 1, p. 51-57, 2003.

PEREIRA, P. A. *NÃO em formações nominais no português: morfologização e gramaticalização*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

POLETTI, C. On negative doubling. *Quaderni di lavoro ASIT*, v. 8, p. 57-84, 2008.

TEIXEIRA DE SOUSA, L. 2012. *Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no português brasileiro*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

TEIXEIRA DE SOUSA, L. Three types of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 159, p. 27-46, 2015.

TESCARI NETO, A. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study*. Tese (Doutorado) – Università Ca' Foscari di Venezia, Venezia, 2013.

ZANUTTINI, R. *Negation and clausal structure: a comparative study of Romance languages*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

ZIMMER, K. *Affixal negation in English and other languages*. Supplement to Word. Monograph n. 5. New York: The Linguistic Circle of New York, 1964.

Invited squib.

Received and accepted on September 16, 2024.

As raízes da semântica e a semântica das raízes: notas sobre “conteúdo semântico” em Morfologia

Maurício Resende*

Resumo

Este artigo discute, de maneira panorâmica, qual tem sido a agenda de fenômenos linguísticos subjacentes à interface entre Morfologia e Semântica e como ela tem se constituído e se desenvolvido nas diferentes visões de Morfologia, desde o Estruturalismo até versões lexicalistas e não lexicalistas da Linguística Gerativa. Como argumenta este artigo, a pauta de fenômenos que podem ser chamados de “morfos-semânticos” emerge como uma espécie de reação a algumas assunções alinhavadas no próprio Estruturalismo e, com o advento da Teoria Gerativa, ganha uma modelagem biopsicologizante, sobretudo em termos do que tem sido chamado de “competência lexical”. Ao final, este trabalho mostra como o tipo de visão de morfologia (de morfema ou de palavra) pode dar vazão à “descoberta” de diferentes fenômenos bem como de diferentes reanálises.

Palavras-chave: Morfologia; Semântica; Estruturalismo; Teoria Gerativa

Abstract

This paper briefly discusses what has been the agenda of linguistic phenomena underlying the interplay between Morphology and Semantics and how it has emerged and been developed in the different views of Morphology, from Structuralism to both lexicalist and non-lexicalist models of grammar in Generative Linguistics. As this paper argues, the agenda of phenomena one could call “morphosemantic” emerges as a kind of reaction to some assumptions couched in Structuralism itself and, by the rise of Generative Theory, it is given a biopsychologizing modeling, mostly as regards what has been called “lexical competence”. By the end of the day, the present work shows how the kind of approach to Morphology (morpheme-based or lexeme/word-based) can give rise to the “discovery” of different phenomena as well as different reanalyses.

Keywords: Morphology; Semantics; Structuralism; Generative Theory

*Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. *E-mail:* mauricio.s.resende@gmail.com.

Gostaria de agradecer ao Alessandro Boechat de Medeiros e, ainda, à equipe editorial do Caderno de *Squibs* pela leitura atenta do manuscrito deste artigo bem como por todas as sugestões e comentários que ajudaram a levar este texto à sua versão final. Um agradecimento especial também à Ana Paula Scher e aos membros do Grupo de Estudos de Morfologia Distribuída (GREMD) da USP a quem eu apresentei, pela primeira vez, algumas das ideias desenvolvidas neste trabalho. Todos os erros são meus.

1 Introdução

O interesse pelas palavras, pela forma como elas são estruturadas e pelas propriedades que elas exibem, dentro de uma língua ou comparando-se diferentes línguas, é bastante antigo e remete às primeiras reflexões linguísticas da História, na Antiguidade, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Também o desenvolvimento da emergente área da Linguística nos séculos XVIII e XIX ajudou a refinar — bem como a formular — muitas das questões que atualmente se associam ao campo da Morfologia. Nesse contexto, o ponto de partida da presente discussão é o Estruturalismo linguístico e, ainda que muito da teorização desse modelo resulte do desenvolvimento de ideias formuladas dentro de abordagens anteriores, pode-se admitir que a abstração necessária para se chegar a alguma teorização sobre o conteúdo semântico dos morfemas é fruto da Linguística moderna.

Tradicionalmente, os *morfemas* são concebidos como as menores unidades da língua portadoras de significado. Essa concepção, calcada no Estruturalismo, assume uma associação entre forma e significado, que é constitutiva das unidades da morfologia. No entanto, violações dessa associação não são raras nas línguas, e podem-se enumerar diversos casos de associação entre um mesmo significado e mais de uma forma (*alomorfia*), como *vida* e *vital*, em que se associa o mesmo conteúdo semântico a duas formas, $\sqrt{\text{VID}}$ e $\sqrt{\text{VIT}}$, ou de associação entre uma mesma forma e mais de um significado (*polissemia*), como no caso de *des-*, que é tanto prefixo de negação, como em *desonesto* e *desumano*, quanto um prefixo que indica a reversão de um estado resultante, como em *desmontar* e *desconstruir*.

Quanto ao tipo de significado, tradicionalmente se estabelece a distinção entre *morfemas lexicais*, que expressam o significado-base da palavra, e *morfemas gramaticais*, que expressam noções funcionais. Assim, em *sofás*, a raiz $\sqrt{\text{SOFÁ}}$ carrega o significado-base da palavra (“assento estofado com braços e encosto para duas ou mais pessoas”), enquanto o morfema *-s* veicula a noção gramatical de pluralidade. Outra noção semântica, emergente no Estruturalismo, tem a ver com o reconhecimento da arbitrariedade do signo, qual seja: a associação entre a *imagem acústica* (*significante*) e o *conceito* (*significado*) é não motivada; ou seja, é arbitrária, por exemplo, a relação entre o conceito mental de *cão* e sua imagem acústica, seja em [kẽw̃], seja em algum de seus correlatos em espanhol (*perro*), francês (*chien*), inglês (*dog*), alemão (*Hund*) etc.

De todo modo, para além do reconhecimento do “conteúdo semântico” como parte constitutiva das unidades mínimas da morfologia, não houve no Estruturalismo uma teorização, nem mesmo uma sistematização, direcionada acerca do que constituiria o conteúdo semântico dos morfemas, visto que as grandes preocupações do Estruturalismo (sobretudo norte-americano) se centravam nas regras de combinação de morfemas e na *alomorfia*.¹

Nesse sentido, diferentemente das interfaces com a sintaxe e com a fonologia, que já têm agendas relativamente bem estabelecidas na literatura, a interface entre morfologia e semântica tem uma pauta muito menos desenvolvida — e, em alguns casos, menos óbvia. Isso pode ser resultado do desenvolvimento mais antigo dos domínios morfofonológicos e morfossintáticos, já no Estruturalismo, em relação ao domínio morfosse-

¹Cf. Anderson (2018) para uma retrospectiva e para referências.

mântico — instanciado mais recentemente, posteriormente ao advento da Linguística Gerativa (LG).²

Diante desse cenário, argumentarei a seguir que a agenda de fenômenos que se poderiam chamar de “morfossemânticos” é, em parte, construída — ainda que não teoricamente desenvolvida — dentro do próprio arcabouço estruturalista e, em parte, formulada e desenvolvida dentro da LG. Especificamente, como será argumentado no decorrer deste artigo, o tipo de relação entre morfologia e semântica que pode ser depreendido depende tanto da concepção de semântica adotada (ou seja, é possível distinguir entre tipos de significado?) quanto do tipo de unidade morfológica escolhida (palavra, morfema, traço etc.). Nesse sentido, o presente artigo visa apresentar algumas noções que envolvem o “conteúdo semântico” dos morfemas nos modelos estruturalista e da LG, em suas versões lexicalista e não lexicalista, com vistas a desenvolver, do ponto de vista metateórico e empírico, uma agenda de fenômenos morfossemânticos.

No bojo dessas considerações, este artigo tem o objetivo de apresentar, de forma panorâmica e introdutória, algumas questões empíricas, teóricas e metodológicas que emergem do reconhecimento de problemas que envolvem a faceta do significado dentro do campo da Morfologia. Para tanto, o presente trabalho está dividido da seguinte forma: na seção 2, eu vou discutir alguns problemas empíricos que emergem da noção da arbitrariedade do signo, da distinção entre significado lexical e gramatical, e da assunção da relação unívoca entre forma e significado — emergentes no Estruturalismo — e argumentar que a abordagem do significado dentro da Morfologia surge como resposta a algumas das análises e questões colocadas por aquele modelo teórico.

Na seção 3, eu vou discutir alguns tópicos que passam a compor a “agenda morfossemântica” em razão da visão de gramática emergente na LG e das primeiras modelagens de léxico. Finalmente, na seção 4, eu vou tecer alguns comentários acerca do tipo de questão que os tipos de significado têm colocado para arquitetura da gramática no que tange ao tratamento de fenômenos morfológicos; em particular, em modelos não lexicalistas. Em resumo, o que proponho neste artigo é a apresentação de uma série de fenômenos descritivamente modelados na interface entre morfologia e semântica, discutindo alguns de seus problemas e alguns caminhos de análise.

2 O signo linguístico

Como recém-mencionado, apesar de pouco explorado no quadro estruturalista, o conteúdo semântico de um morfema foi admitido como sua parte constitutiva e, portanto, como parte relevante da sua natureza. Nesse sentido, parte da agenda de fenômenos morfossemânticos surge como resposta a algumas noções aventadas no Estruturalismo a respeito dessas primeiras caracterizações, quais sejam: arbitrariedade do signo, distinção entre morfemas lexicais e gramaticais, e associação unívoca entre significante e significado.

²Cf. Acquaviva (2016) para um panorama e referências.

2.1 A arbitrariedade do signo

É justo mencionar que a discussão acerca da arbitrariedade do signo, pelo menos do ponto de vista filosófico, é muito anterior a Saussure e remete ao debate *natureza versus convenção*, empreendido pelos filósofos gregos na Antiguidade (cf. Camara Jr., 1986). Linguisticamente, abstraindo-se de sua dimensão filosófica, a questão versa sobre a concepção de que alguns itens da língua estabelecem uma relação “natural” (isto é, motivada) com a forma que os veicula, exemplificados, por exemplo, pelas então chamadas “palavras imitativas”, tais como *ruido*, *chiado*, *líquido*, *engolir*, cuja constituição sonora “imitaria” do ponto de vista acústico (no caso dos três primeiros exemplos) ou articulatório (no caso do último) seus referentes no mundo (*simbolismo fonético*).

Na mesma toada, o caso prototípico da relação não arbitrária entre forma e significado é o das onomatopeias, que são formas que expressam uma tentativa de reprodução aproximada dos sons do mundo, sobretudo provenientes de animais, como *miar/miado* (de “miiau”, o som emitido pelos gatos), *piar/piado* (de “piu-piu”, o som emitido pelas aves) etc., mas também *tilintar* (para sinos, moedas etc.), *blim-blom* (para campainha), *trim* (para toque de telefone), entre outros.³

De todo modo, ainda que esse tipo de expressão seja amplamente atestado, é fato que a constituição desses elementos é residual nas línguas e está longe de ser um mecanismo geral de derivação de formas linguísticas. Ainda assim, a arbitrariedade do signo linguístico se coloca como conceito central no Estruturalismo, e o reconhecimento dessa (falta de) arbitrariedade fez emergirem outras questões na Linguística contemporânea.

A primeira delas aparece discutida em Downing e Stiebles (2012) e se relaciona com o que as autoras chamam de “iconicidade”, isto é, tipos de relação motivada não apenas no domínio lexical (como as onomatopeias e as palavras imitativas), mas também no domínio gramatical. Um caso interessante é o da *iconicidade diagramática*, em que a ordenação dos elementos linguísticos reflete a ordenação de eventos no mundo, como exemplificado em (1).

- (1) a. O padre saiu e morreu.
b. ??O padre morreu e saiu.

Do ponto de vista semântico, (1a) e (1b) têm as mesmas condições de verdade, e a contribuição do significado verifuncional é a mesma. Isso quer dizer que, para uma certa modelagem semântica, as duas sentenças são igualmente bem formadas, e a estranheza de (1b) adviria, então, de algum elemento pragmático. Porém, como quer que as teorias de semântica/pragmática expliquem esse contraste, é possível concluir que, empiricamente, há um certo grau de iconicidade na interpretação da ordem dos elementos, qual seja: o evento de sair é interpretado como precedendo o evento de morrer, porque esta é a forma como eles são apresentados na cadeia sintática/fonética — o que configuraria um tipo de motivação diagramática.

Um outro tipo de interpretação motivada é o da *iconicidade estrutural*, que alveja particularmente alguns processos de formação de palavras, como a reduplicação. Como

³Vale notar, no entanto, que essa reprodução aproximada está sujeita ao *filtro perceptual* do falante, condicionado por sua língua materna, já que as línguas dispõem de onomatopeias diferentes para o mesmo som. Um exemplo clássico é o daquele que tenta reproduzir o som do latido dos cães, a saber, *au-au* (português), *wuff-wuff* (alemão), *wang-wang* (chinês), *ruff-ruff* (inglês), *gav-gav* (russo) etc.

assumem Downing e Stiebles (2012, p. 394, tradução minha), “mais da mesma forma equivale a mais do mesmo significado”. Considerando-se exemplos do português, o processo da reduplicação pode disparar um significado iterativo, quando da reduplicação de bases, como em (2), ou um significado de intensidade, quando se trata da reduplicação silábica ou do alongamento de vogais, como em (3). Portanto, nesses casos, o tipo de materialização física dos elementos aparece refletida na construção do seu significado, nesse exemplo, gramatical.

(2) pisca-pisca, empurra-empurra, mexe-mexe, bate-bate, pula-pula

(3) a. não ~ nãñninanão
b. nunca ~ nuuuunca

Abordando questões semelhantes àquelas da iconicidade, Resende e Silva (2022) discutem brevemente a natureza constitutiva das interjeições primárias⁴ no que tange ao seu estatuto morfológico. Para esses autores, interjeições como *ai*, *ui*, *ixi* e *eita* são efetivamente palavras da língua, como quaisquer outras, e são derivadas por aquilo que os autores chamam de “raízes onomatopaicas”, como \sqrt{AI} , \sqrt{UI} etc. Para Resende e Silva, assim como a raiz \sqrt{MI} , que deriva o verbo *miar* e o nome *miado*, tem uma origem onomatopaica, a raiz \sqrt{OBA} deriva a interjeição *oba* e o nome *oba-oba*, e a raiz \sqrt{PI} deriva o verbo *piar* e o nome *pio* (*não quero ouvir nem mais um pio!*) e assim por diante.

Conforme o raciocínio dos autores, o questionamento subjacente à formação de novas interjeições não se refere a determinar, por exemplo, se *eca* e *eita* são palavras da língua (porque, para os autores, elas o são), mas sim a compreender como elementos não linguísticos (como sons “externos”) se “gramaticalizam” no sentido de se tornarem elementos com realidade interna dentro da língua (nesse caso, raízes) e, como tais, receberem uma representação abstrata como qualquer outro item linguístico. Exemplos desse caso são as vocalizações catárticas, como *ai*, *ui* etc., ou a articulação ingressiva em *uh!*, que reproduz a perda da respiração resultante de um susto ou de uma surpresa. Nesse sentido, a discussão sobre a emergência de novas formas linguísticas se ampara no reconhecimento do caráter *motivado* da relação entre forma e significado em alguns casos.

Em síntese, a concepção da arbitrariedade do signo linguístico dá vazão a diversas questões — e lança luz sobre diversos fenômenos empíricos — que têm a ver com a emergência de formas linguísticas motivadas (por exemplo, raízes no domínio lexical), mas também de processos de formação de palavras e de organização estrutural (isto é, recursos gramaticais).

2.2 A distinção lexical versus gramatical

A distinção entre os significados lexical e gramatical é, interessantemente, bem menos clara do ponto de vista do significado do que do ponto de vista formal. Na distinção tradicional, o significado lexical é o conteúdo semântico das raízes (como quer que ele

⁴Seguindo Ameka (1992), os autores assumem uma distinção entre *interjeições primárias*, que são elementos da língua unicamente interjectivos, e *interjeições secundárias*, que são itens ou expressões oriundos de outras classes/funções gramaticais, mas que podem ser usados como interjeição (*cruzes*, *meu Deus* etc.).

seja definido), e o significado gramatical é o conteúdo semântico funcional. Morfológicamente, essa diferença é relevante para a distinção entre composição e derivação, tanto no caso de formas presas quanto no de formas livres/dependentes. Para lidar com essa distinção, Rocha (2008, p. 148-152), por exemplo, defende que o significado lexical é aquele que tem realidade externa fora da língua, ao passo que o gramatical não (ou seja, tem um significado apenas dentro do sistema).

Esse critério, de base semântica, é bastante adequado para lidar com uma série de casos, sobretudo quanto à diferença entre prefixos e bases presas. Nessa visão, *bio-* em *bioético* é uma base presa, pois tem um significado extensional (“vida”), mas *anti-* em *antiético* é um prefixo, porque tem um significado gramatical (“contrariedade”). Mas o que dizer, então, de itens como *di-* (*dissílabo*), *bi-* (*bissexual*), *tri-* (*trianual*) e *tetra-* (*tetracampeão*)? Esses morfemas, que denotam cardinalidades, teriam um significado extensional ou funcional? A resposta depende do que se assume que os numerais significam e de como se interpretam ontologicamente os elementos numéricos.

O mesmo problema perpassa alguns casos de composição com formas livres, como em *sobreviver* e *compartilhar*, em que os itens anexados às bases verbais, *sobre-* e *com-*, também aparecem como formas livres/dependentes: as preposições *sobre* e *com*. A posição de Rocha sobre esses casos é a de que se trata de formas dependentes que configuram uma situação de homofonia; para Rocha (2008, p. 149), “entradas lexicais diferentes” e “[...] verbetes separados”.

Seja como for, esta é uma solução de base teórica e não empírica; isto é, sua análise parece se pautar em mecanismos da própria teoria assumida por Rocha e não em testes ou propriedades desses elementos. Desse modo, o problema da determinação do (tipo de) conteúdo semântico se mantém: *contra-* em *contradizer* e *contra-atacar* tem um significado diferente daquele da preposição *contra* (*não tenho nada contra você*), do nome *contra* (*ponderar os pros e os contras*), do adjetivo *contrário* e da locução adjetival *do contra* (*Pedro é sempre do contra*)?

Se admitirmos que os elementos morfológicos adjungidos são bases, teríamos que admitir que raízes também podem carregar um significado gramatical (o significado de *contra* tem uma noção funcional); porém, se admitirmos que esses elementos são prefixos, teríamos que admitir que o critério semântico mobilizado por Rocha não é necessário nem suficiente para distinguir entre os dois tipos de significado, em relação às unidades da morfologia.⁵

Em resumo, a distinção entre os tipos de significado que classificaria os morfemas se baseia mais nos tipos de morfema e menos no tipo de significado, o que pode levar a problemas metodológicos bem como a impasses na descrição empírica. Nesse sentido, o problema clássico da distinção entre derivação e composição permanece em aberto, e a solução depende daquilo que se considera que seja lexical/gramatical bem como da visão de morfologia que permite (ou não) certos tipos de interação entre propriedades distintas. Muitas dessas questões aguardam pesquisas futuras.

⁵Para além dos casos limítrofes que podem ser observados de uma perspectiva “mais estática” da língua, há casos limítrofes que emergem da observação da dinâmica da variação e mudança linguísticas, a saber, palavras complexas que originalmente são casos de composição, mas que, ao longo do tempo, ou passam a ser concebidas como instâncias de afixação ou dão vazão a um novo padrão de formação; casos clássicos são os de *-mente*, *auto-*, *homo-* etc. — cf. Gonçalves (2016) para discussão. Para alguns autores, esses casos transitórios são chamados de “semiafixos” ou “afixoides”.

2.3 A associação unívoca entre som e significado

Indubitavelmente, a assunção estruturalista mais importante para a constituição da interface entre morfologia e semântica versa sobre a violação da relação unívoca entre significado e forma. Do lado do significante, casos de alomorfia (*dizer/digo*) e supleção (*ir/vai*) já foram amplamente estudados e compunham o principal fenômeno da agenda da Fonêmica; portanto, eles não serão explorados neste trabalho⁶.

Do lado do significado, o reconhecimento da violação da relação unívoca e indissociável entre as duas partes do signo linguístico, ainda que instanciada no Estruturalismo, foi bem menos explorada, sendo Lieber (2004) o primeiro trabalho sistemático e teoricamente modelado dessa questão. Via de regra, o fato de uma mesma forma possuir mais de um significado *não relacionado*, configurando uma instância de *homofonia*, não constitui um problema para as teorias morfológicas, pois pode se tratar de uma *homofonia acidental*⁷; notadamente, consequência de algum processo diacrônico que culminou na coincidência sincrônica entre duas formas, que constituem sincronicamente morfemas diferentes, como em *in-* (“negação”) versus *in-* (“movimento para dentro”). Exemplos do primeiro caso são *intolerante* e *indelicado* e do segundo, *interno* (cf. *externo*) e *induzir* (cf. *reduzir*).

Todavia, há efetivamente casos de violação da univocidade entre forma e significado no domínio dos morfemas, tais como na *polissemia*⁸ (ou *homonímia* — cf. nota 7). No domínio prefixal, um caso de prefixo polissêmico, adicionalmente ao de *des-* mencionado na seção 1, é o de *re-*, que pode disparar várias leituras contradirecionais, a saber, responsiva (*recíproco*), restitutiva (*reaver*), retrógrada (*regressivo*), retornativa (*recolocar*), repetitiva (*reencontrar*) e de retaguarda (*recuar*).⁹

O que configura a polissemia nesses casos é o fato de o mesmo morfema receber diferentes interpretações, mas *relacionadas*. Por exemplo, ao passo que *regressão* envolve a reversão da trajetória no espaço, *responder* envolve a reversão da trajetória dos papéis temáticos no domínio dos eventos: se Maria enviou uma mensagem a João, e João respondeu Maria, então no primeiro evento, Maria é agente, e João é alvo e, no segundo evento, a relação se inverte. Sob a mesma ótica, se João reouve o dinheiro, então o estado alvo do dinheiro (= estar na posse de João) foi restituído, o que sinaliza uma reversão na trajetória do “estado de posse”.

A questão de se todos os significados contradirecionais do prefixo *re-* podem ser derivados de um único significado (mais abstrato ou mais primitivo) permanece em aberto; seja como for, empiricamente observa-se que esses sentidos estão relacionados ao mesmo morfema mesmo em palavras não (mais) facilmente decomponíveis na sincronia, tais

⁶Mas cf. Embick e Schwayder (2018) para um panorama e discussão.

⁷Eu estou empregando o termo “homofonia”, seguindo Rocha (2008), como alternativa ao termo “homonímia”, não raramente utilizado nesse mesmo contexto. Como argumenta esse autor, “estamos preferindo, neste caso, empregar o termo homofonia ao termo homonímia, por uma questão de clareza terminológica; homonímia, apesar de ser consagrado, apresenta os termos constitutivos que significam homo (o mesmo) + onim (nome) + ia (sufixo)” (p. 68); isto é, tal termo assume que se está diante do mesmo nome (como ocorre na polissemia). O que eu estou tratando como “homofonia acidental” assume que se está diante de nomes — ou, nesse caso, de morfemas — diferentes.

⁸Cf. Valera (2020) para uma discussão detalhada e referências.

⁹Cf. Zwarts e Basso (2016) para a semântica dos contradirecionais, Medeiros (2010) para discussão sobre o prefixo *des-* e Medeiros (2012) para análise do prefixo *re-*.

como *retrógrado*, *recíproco* etc. Um comportamento morfossemântico semelhante pode ser observado no prefixo *pré-*, que indica anterioridade tanto no domínio temporal (*curso pré-vestibular*) quanto espacial (*dente pré-molar*).¹⁰

No domínio sufixal, um caso já bastante conhecido é o da polissemia entre sufixos formadores de nomes agentivos e de nomes de instrumento, que ocorre inclusive com as mesmas bases verbais. Por exemplo, *cortador de grama* pode se referir tanto à máquina utilizada para cortar grama quanto a um profissional que exerce essa função/profissão; o mesmo ocorre com *abridor de garrafa*, *limpador de piscina* etc. Desconsiderando-se a questão metodológica de se o significado instrumental deriva do significado agentivo da palavra, morfologicamente, *-dor* pode ser caracterizado como um sufixo que se anexa a bases verbais para formar nomes de agente e/ou de instrumento, configurando, assim, uma instância de polissemia.

Ainda em referência ao domínio sufixal, Resende e Rech (2020) discutem as diferentes leituras modais atribuídas ao sufixo *-vel*: ao passo que *lavável* recebe uma interpretação circunstancial (“pode ser lavado”) e *durável* recebe uma interpretação epistêmica (“é provável que dure”), *louvável* recebe uma interpretação deôntica (“deve ser louvado”). Essas três ocorrências de *-vel* são de leituras modais e, assim, podem ser analisadas como instâncias de polissemia¹¹.

Com relação às raízes, a questão que subjaz à natureza constitutiva dessas unidades quanto ao seu significado é muito mais controversa. Isso se dá porque parece haver um descompasso entre a identificação da raiz enquanto unidade formal e enquanto unidade de significado; esse problema será retomado na seção 4.1. Por ora, cabe apenas mencionar que a homofonia acidental também ocorre com raízes como, por exemplo, $\sqrt{\text{BANC}_1}$ e $\sqrt{\text{BANC}_2}$, que derivam *famílias léxicas* diferentes, tais como *banco*, *banqueiro*, *bancário*, de um lado, e *banquinho*, *banqueta*, *bancada*, de outro. Apesar de compartilharem (por alguma razão histórica) a mesma constituência formal, $\sqrt{\text{BANC}_1}$ e $\sqrt{\text{BANC}_2}$ são consideradas raízes diferentes por possuírem significados diferentes.

Descritivamente, esse tipo de análise revela a proeminência do significado em relação à forma para a identidade de um morfema: caracterizam-se raízes diferentes pelo que elas significam e não pela forma que assumem, da mesma forma que ocorre com a caracterização da alomorfa, em que se admite que a mesma raiz sofreu alguma variação na forma (*apofonia*), como em *faz/fez/fiz*, mas preserva sua identidade morfológica (como unidade abstrata) por preservar o *mesmo significado*.

Quanto à polissemia, a conclusão a respeito de haver ou não raízes polissêmicas depende daquilo que se assume que seja parte do conteúdo semântico de uma raiz; por exemplo, se admitirmos que a raiz se refere ao significado-base das palavras que ela deriva, então devemos admitir que uma raiz como $\sqrt{\text{JANEL}}$ é polissêmica, pois deriva uma série de palavras polissêmicas vistas em *janela da casa*, *janela do dente*, *janela no horário*, *janela imunológica*, *janela do computador* etc.

Em contrapartida, podemos admitir que as raízes não possuem nenhum significado individualmente e são interpretadas apenas de acordo com o contexto estrutural em que

¹⁰Cf. Resende (2023) para discussão desses casos.

¹¹Entretanto, fica em aberto a possibilidade de uma quarta leitura discutida pelos autores quanto a configurar uma nova leitura polissêmica, que é a leitura causativa presente em *confortável* (“que causa conforto”). Talvez, nesse caso, se esteja diante sincronicamente de uma instância de homofonia.

ocorrem. Nessa perspectiva, por exemplo, o significado de *pirata* como “saqueador marítimo” seria derivado quando a raiz $\sqrt{\text{PIRAT}}$ aparece no contexto nominal, e o significado de “cópia falsificada” seria derivado quando a raiz aparece em um contexto adjetival. Nessa visão, não faria sentido falar em polissemia, mas sim em *alossemia* (Marantz, 2013a), pois o significado não faz parte da unidade isoladamente, mas sim da palavra em que ela aparece.¹²

Pondo de lado esses casos, violações da relação unívoca entre forma e significado de um morfema também ocorrem quando há ausência de forma ou ausência de significado. Casos de forma sem significado incluem os chamados “morfe vazios”¹³ como, por exemplo, *-l-* em *chaleira*, que não constitui um elemento derivacional e não contribui semanticamente para o significado do vocábulo, bem como os morfemas de classe (como as vogais temáticas verbais *-a-*, *-e-* e *-i-*), que não carregam nenhuma informação semântica, apenas gramatical. No domínio lexical, podem-se citar as então chamadas “raízes *cranberry*”, as quais permitem estabelecer sincronicamente uma relação formal, mas não semântica, entre suas palavras derivadas, como em *per- $\sqrt{\text{CEB-er}}$* , *re- $\sqrt{\text{CEB-er}}$* , *con- $\sqrt{\text{CEB-er}}$* etc.¹⁴

Casos menos óbvios, mas relacionados, de forma sem significado se manifestam quando certos morfemas perdem o seu significado em contextos específicos, como ocorre com os então chamados “*pluralia tanta*”, como *férias*, *costas*, *honras*, *arredores*, *núpcias*, *anais*, *fezes* etc., em que o morfema de plural, a despeito de ser formalmente identificado, não parece contribuir semanticamente para o significado global da palavra; isto é, não se pode dizer **a costa* para se referir à parte do corpo; a ocorrência do *-s* de plural (sinalizada pela concordância: *as costas*) tem apenas um papel formal (idiossincrático), sem contribuir para o significado da palavra (pelo menos, do ponto de vista sincrônico). Nesses casos, o significado do morfema parece ser extraído do significado da palavra morfológicamente complexa.

Um caso semelhante que ocorre com o plural do português é o que se pode chamar de “plural majestático” (Camara Jr., 1970, p. 92), que envolve um recurso estilístico para marcar, por exemplo, amplitude, como em *céus*, *trevas*, *ares* etc., em que, da mesma forma que ocorre com os *pluralia tanta*, a marca de plural não parece estar contribuindo semanticamente para a interpretação da palavra, sobretudo no caso de nomes massivos. Nesses casos, não é claro, por exemplo, o que poderia significar *céu* no plural (cf. *oh céus!* ou *mover céus e terra*).

Por seu turno, casos de significado sem forma são instâncias da *ausência significativa* — os então chamados “morfe(mas) zero”; isto é, para alguns casos determinados, a ocorrência de um morfema contrasta em significado com a ausência desse mesmo morfema. No Estruturalismo, essa “ausência significativa” foi reanalisada em termos de um morfema com valor distintivo, sem matriz fonética. Exemplos conhecidos desse tipo de morfema em português são o da marca de singular nominal, *escola- \emptyset* ~ *escola-s*, em que o plural,

¹²Cf. Panagiotidis e Nóbrega (no prelo) para uma discussão detalhada e seção 4.1 para mais comentários.

¹³Não raramente, essas formas também aparecem tratadas no domínio da Fonologia como sendo segmentos epentéticos, isto é, fonemas (vocálicos ou consonantais) introduzidos no interior da palavra para obedecer a alguma regra fonotática da língua. Um exemplo clássico é o de <e> em *mares*, que pode ser analisado tanto como uma “vogal de ligação” (isto é, uma vogal epentética inserida para evitar a adjacência de <r> e <s>) quanto como uma vogal temática nominal (semelhante à de *ponte*), que só se manifesta no plural.

¹⁴Cf. Minussi e Bassani (2017) e Resende (2020) para discussão desses casos.

marcado por *-s*, se opõe à ausência de plural, formalmente representada por \emptyset , sendo, assim, a marca de singular. Outro exemplo conhecido do português é o da marca de 3ª pessoa do singular no presente, qual seja: \emptyset , visto em *canta- \emptyset* , que contrasta com *canta-m*, em que *-m* indica plural.

No domínio das raízes, o reconhecimento de uma unidade portadora de significado sem forma — isto é, uma “raiz zero” — é bem menos comum, mas este é o tratamento dado por Henriques (2011, p. 46-47) a alguns alomorfes do verbo *ir*. Para esse autor, formas como *ir*, *indo*, *ido*, *irei* etc. são morfologicamente compostas por uma raiz zero, seguida por *-i-*, que é a vogal temática da 3ª conjugação e, na sequência, pelas demais desinências. Na análise do autor, o alomorfe \emptyset compartilharia com \sqrt{VA} (*vai*) e \sqrt{FU} (*fui*) o mesmo *semantema* ou significado lexical básico.¹⁵

No domínio derivacional, a postulação de um morfema zero tem sido usada para explicar casos de mudança de categoria sem contraparte formal, como em *vou olhar* versus *o olhar* ou *tenho convidado* versus *meu convidado*, em que a forma nominal, por hipótese derivada da forma verbal, recebe uma nova categoria por meio da afixação de um morfema zero. Havendo mudança de categoria, há também mudança de significado, já que verbos denotam elementos diferentes dos nomes e adjetivos; daí a motivação para se postular uma contraparte formal que acomoda essa mudança sintático-semântica^{16, 17}

Em adição a esses casos, outra questão que subjaz ao descompasso entre forma e significado se manifesta quando certos significados aparecem expressos mais de uma vez em uma palavra morfologicamente complexa. No domínio flexional do português, pode-se citar o que tem sido chamado de “morfes redundantes” (Monteiro, 2002, p. 30-31) ou de “morfologia pleonástica”. Um exemplo é a expressão de gênero feminino. Como mostrado em (4), a expressão de gênero gramatical feminino pode se dar pela adjunção de *-a*, em (4a), ou por metáfora, como em (4b). No entanto, em muitas instâncias da flexão, a informação de feminino aparece expressa por ambas as marcas, como nos pares em (5).

- (4) a. peru ~ perua, autor ~ autora, deus ~ deusa
 b. av[o] ~ av[ɔ]
- (5) a. p[o]rco ~ p[ɔ]rca, s[o]gro ~ s[ɔ]gra, [e]le ~ [ɛ]la, [e]sse ~ [ɛ]ssa
 b. n[o]vo ~ n[ɔ]va, gost[o]so ~ gost[ɔ]sa, europ[e]u ~ europ[ɛ]ia

Por fim, um último exemplo da violação da relação unívoca entre significado e forma tem a ver com o fenômeno da *cumulação*, que consiste na associação entre *mais de um* significado e uma mesma forma. Exemplos provenientes dos sistemas flexionais das línguas românicas são abundantes; no português, o morfema *-i* em *comi* não significa apenas passado, mas também aspecto perfectivo, modo indicativo, primeira conjugação, primeira pessoa e singular. Dito de outro modo, a violação da relação unívoca entre forma e significado tem a ver com o fato de que à mesma forma corresponde

¹⁵Cf. Dahl e Fábregas (2018) para relevância teórica e evidência psicolinguística dos morfemas zero.

¹⁶Cf. Kastovsky (2005) e Lieber (2017) para discussão desses casos e para referências.

¹⁷Tratamentos alternativos à afixação zero no domínio derivacional, para explicar a mudança de categoria, são a *conversão* e a *re Etiquetagem lexical*. Via de regra, todos esses tratamentos acomodam o mesmo conjunto de fenômenos empíricos, e a adoção de uma ou outra análise depende mais do modelo teórico adotado.

um conjunto de significados (gramaticais) bem definidos — um fenômeno pervasivo no paradigma verbal.

Apesar de os morfemas cumulativos serem idiossincráticos, a existência da cumulação leva a algumas questões semânticas, tendo suscitado discussões pioneiras sobre o significado dos morfemas, originalmente em Bybee (1985), a saber:

- (i) Quais morfemas podem ser “enfeixados juntos”? Isto é, por que é mais provável que haja morfemas cumulativos de tempo/aspecto e de gênero/número do que tempo/pessoa e/ou aspecto/gênero?
- (ii) Por que a cumulação é um fenômeno apenas da morfologia flexional? Isto é, o tipo de significado (gramatical versus lexical) desempenha algum papel na emergência de morfemas cumulativos?

Mais uma vez, a resposta para essas perguntas depende dos níveis de interação entre os tipos de significado e os tipos de unidade formais e, ainda, da teoria assumida.

Em síntese, muitos dos fenômenos morfológicos discutidos e analisados tanto pelas teorias formais quanto pelas teorias tipológicas partem (pelo menos, descritivamente) da observação da violação da relação unívoca entre forma e significado e, uma vez que essa relação se mostra não ser unívoca, criam-se condições para o surgimento de uma pauta de pesquisa que pode alvejar, dentro da Morfologia, apenas o significado.

3 Do morfema à palavra

Como discutido na seção 2, apesar de não ter havido no Estruturalismo uma sistematização, ou uma teorização, mais profunda acerca da faceta do significado no domínio dos morfemas, como forma de resposta a alguns dos conceitos e a algumas das análises estruturalistas, emerge uma agenda de fenômenos morfossemânticos. Entretanto, uma vez que o conjunto de questões abordado por um certo modelo é sempre fruto de uma certa perspectiva — *o ponto de vista faz o objeto* —, novas modelagens teóricas podem dar vazão a novos questionamentos e à “descoberta” de novos fenômenos.

Como observa Anderson (2018), não houve, em última análise, uma continuidade entre as ideias desenvolvidas no Estruturalismo norte-americano e a abordagem dos fenômenos morfológicos esboçada nas primeiras versões da LG. Isso se deu, em particular, devido à falta de uma linha de investigação morfológica independente da Fonologia e da Sintaxe. Mais especificamente, as duas grandes linhas de investigação do Estruturalismo foram a interface entre Morfologia e Fonologia (*Morfofonêmica*) e a combinação dos morfemas que compunham as palavras (*Morfotaxe*), e tais linhas, na Teoria Padrão, passaram a constituir submódulos dos componentes fonológico e sintático respectivamente.

A autonomia da Morfologia como linha de investigação independente é instanciada apenas em Chomsky (1970), com o advento da *posição lexicalista*, e primeiramente formulada em Halle (1973). Em linha gerais, a *hipótese lexicalista* defendia que parte dos processos morfológicos ocorria no léxico, o que significa que os fenômenos subjacentes aos processos de formação de palavras e à *forma* das palavras (quer pela atuação de processos

fonológicos quer pela interferência de propriedades sintáticas) eram implementados em um componente da arquitetura da gramática diferente da — e anterior à — sintaxe.

Nos primeiros desenvolvimentos da morfologia lexicalista, os modelos de léxico gerativo se dividiam entre aqueles cuja operacionalidade era inspirada em modelos de *Fonologia Gerativa* — tais como Halle (1973), Aronoff (1976) e Kiparsky (1982) — e aqueles cuja operacionalidade era inspirada em modelos de sintaxe (em particular, a *Teoria X-Barra*), o que ficou conhecido como “Sintaxe Vocabular” — como Lieber (1982), Selkrik (1982) e Di Sciullo e Williams (1987).¹⁸ No que diz respeito ao conteúdo semântico, como quer que se implementasse a formação de palavras complexas no léxico (isto é, por algum tipo de regra morfofonológica ou por algum mecanismo de afixação sintática), a perspectiva sob a qual o significado das unidades morfológicas era observado mudou, do Estruturalismo para a LG, em dois aspectos principais.

O primeiro deles é que, nos desenvolvimentos iniciais da teoria morfológica na LG, ao lado da concepção de morfologia baseada em morfema, ressurgiu a concepção de morfologia baseada em palavra/lexema. A implicação dessa visão — que é, inclusive, parte da argumentação do modelo de Aronoff (1976) — é a de que uma série de idiosincrasias morfofonológicas, morfossintáticas e morfossemânticas (como as manifestações da relação não unívoca entre forma e significado, discutidas na seção 2) não era mais atribuída aos morfemas em si, mas aos lexemas; isto é, às palavras em que eles ocorriam. Portanto, nessa visão, as menores unidades portadoras de significado são as *palavras*. Esse movimento deu vazão à postulação de operações de lexicalização para acomodar os diversos comportamentos idiosincráticos das palavras e a falta de transparência morfológica e/ou composicionalidade semântica.¹⁹

A segunda questão que emerge da visão de morfologia baseada em palavras é o fenômeno do *bloqueio* (Aronoff, 1976), que consiste na possibilidade de a gramática bloquear a formação de uma certa palavra dada a existência de uma outra palavra com o mesmo significado. Isso pode ser exemplificado pela má formação de **roubador* diante da existência de *ladrão*, em que o bloqueio alveja palavras diferentes com o mesmo significado, bem como pela má formação de **manobrador* diante da existência de *manobrista*, em que tanto *-ista* quanto *-dor* são sufixos formadores de agente a partir de bases verbais.

O bloqueio (morfológico ou morfossemântico) entre palavras é uma possibilidade que emerge do estatuto especial atribuído à palavra, mas posteriormente, esse fenômeno foi reanalisado também como uma questão relevante para a visão de morfologia baseada em morfemas em termos de *afixação múltipla* (Lieber, 2004); ou seja, de afixos em competição da perspectiva do significado. Um exemplo do português é o par *-iz(ar)* e *-ific(ar)*: ambos são verbalizadores com o sentido de “tornar X”, em que “X” é normalmente um adjetivo, como pode ser visto em *modernizar*, *suavizar* e *realizar* versus *solidificar*, *purificar* e *simplificar*.²⁰

O segundo aspecto é que, do ponto de vista empírico, a partir de Chomsky (1970), dois fenômenos da interface entre morfologia e semântica passaram a compor a agenda de

¹⁸Por motivos de escopo, essas propostas não são discutidas neste artigo, mas cf. Mendikoetxea e Uribe-Etxebarria (1997), Scalise e Guevara (2005), Ackema e Neeleman (2007), Fábregas e Scalise (2012) e Siddiqi (2014) para um panorama histórico, questões teóricas e epistemológicas, e referências.

¹⁹Cf. Rocha (2008, cap. 4) para um panorama e Bassani e Costa (2024) para uma discussão recente.

²⁰Cf. Embick e Marantz (2008) para uma discussão detalhada.

fenômenos morfossemânticos, a saber, o significado composicional na derivação de palavras complexas e a relação semântica entre o afixo e a base com que ele se combina. Quanto à composicionalidade, o argumento de Chomsky (1970) é o de que a relação entre *nominalizações derivadas* (aquelas formadas mediante a adjunção de sufixos como *-ção, -mento, -gem* etc.) e os verbos a partir dos quais elas deveriam derivar é idiossincrática.

Mais especificamente, assim como os dados do inglês discutidos por Chomsky, em português, ao passo que *casamento* é o evento de *casar*, e *fingimento* é o evento de *fingir*, *testamento* não é o evento de *testar* (cf. *testagem*) e *acabamento* não é o evento de *acabar* (cf. *encerramento*). Da mesma sorte, *lavador de carros* é “aquele que lava carros” e *contador de histórias* é “aquele que conta histórias”, mas, sincronicamente, *amador* não é “aquele que ama” e *curador* não é “aquele que cura”. Em síntese, assim como os casos de *pluralia tanta* mencionados na seção 2, esses exemplos mostram que, apesar da transparência formal (isto é, morfofonológica) entre os morfemas — ou, nesses casos, entre base e afixo —, o significado construído não é composicional.

Pondo de lado esses casos, a respeito da relação entre base e afixo (ou seja, por que o sufixo nominalizador de *casar* é *-mento* e não *-gem*: **casagem*), ainda que o questionamento de Chomsky (1970) não tenha alvejado a relação/motivação semântica, e sim morfofonológica, propostas posteriores começaram a discutir instâncias de restrição semântica de combinação entre bases e afixos derivacionais.

Um exemplo do português é o sufixo *des-*, que se combina com bases verbais *accomplishment*, cujos eventos têm um estado resultante (*construir* → *desconstruir*, *montar* → *desmontar*), mas não com bases verbais de atividade (*dançar* → **desdançar*, *caminhar* → **descaminhar*)²¹. Similarmente, o morfema de plural *-s* se combina com nomes contáveis (*cadeiras, pontes, gatos*), mas não com nomes massivos abstratos (**respeitos, *confortos, *gratidões*).

Adicionalmente, uma série de outros fenômenos passou a atrair a atenção dos estudos em Morfologia, no que tange à relação entre a expressão morfológica e seus significados. Como mencionado na seção 1, o primeiro trabalho sistemático dentro da LG que leva para o centro da análise o significado dos morfemas e dos processos de formação de palavras (em vez do significado das palavras) é Lieber (2004). Especificamente, nesse trabalho, a autora discute em detalhe, a partir de dados do inglês, uma série de fenômenos que se podem chamar de “morfossemânticos”, tanto discutindo a questão da (não) composicionalidade na formação de palavras complexas e da afixação múltipla quanto rediscutindo (à luz da modelagem da LG) problemas já sinalizados pelas análises estruturalistas, tais como o estatuto da afixação zero, a questão da polissemia dos morfemas e o fenômeno da redundância morfológica, discutidos na seção 2.

Em síntese, parte daquilo que poderia ser considerado pauta dos interesses pela interface entre Morfologia e Semântica é construído a partir da identificação de noções básicas que emergem nas análises estruturalistas. Todavia, com o advento da LG, as investigações morfológicas ganharam uma nova dimensão tanto qualitativa quanto quantitativamente. Qualitativamente porque muitos dos fenômenos já investigados dentro do Estruturalismo ganharam uma nova modelagem em termos daquilo que ficou conhecido como *competência lexical*, isto é, o conhecimento que o falante tem sobre as palavras de sua língua, sobre sua estrutura interna e sobre seus processos de formação.

²¹Cf. Medeiros (2010) para uma análise detalhada.

Essa visão biopsicologizante dos processos morfológicos também serviu posteriormente de baliza para muitas das generalizações e análises dos fenômenos morfológicos.

Quantitativamente, porque, para além da expansão da agenda de fenômenos morfossemânticos devido ao ressurgimento da visão de morfologia baseada em palavras (que também subjaz aos modelos Palavra-e-Paradigma), o interesse pelo léxico, nos termos de Chomsky (1970) e trabalhos subsequentes, fez emergir o interesse pela morfologia derivacional, em certa medida, negligenciada pelas análises estruturalistas. Da contraparte da área da Semântica, a emergência da *Semântica Gerativa* passou a chamar a atenção para a decomposição lexical, criando condições para a formulação de questões a respeito do significado das partes (menores do que a palavra) na construção do significado do todo.

4 Da palavra ao morfema

Posteriormente à emergência da posição lexicalista, que extraiu parte dos fenômenos morfológicos da sintaxe, surgem na década de 1990 diversas propostas reagindo à visão de que os fenômenos morfológicos poderiam ser tratados separadamente em relação aos fenômenos sintáticos, tanto do ponto de vista do tipo de operação quanto do componente em que os fenômenos eram manipulados. Para citar um exemplo notável, a teoria da Morfologia Distribuída (MD) (Halle; Marantz, 1993, e trabalhos subsequentes) é uma teoria não lexicalista que defende não apenas que não há módulos distintos na arquitetura da gramática para formar palavras e sintagmas/sentenças como também que “no caso geral, estrutura morfológica [...] é simplesmente estrutura sintática (Embick; Noyer, 2007, p. 293, tradução minha).

Por questões de espaço e escopo, eu não vou apresentar ou discutir a teoria da MD nem fazer comparações (teóricas ou descritivas) entre essa teoria e modelos lexicalistas²²; meu objetivo nesta seção é apenas mostrar como a visão de “sintaxe da/na palavra” suscita certos questionamentos acerca do papel do conteúdo semântico dos morfemas e, de forma mais geral, como se expandem a cobertura empírica e o espectro descritivo das perguntas de investigação da interface entre morfologia e semântica.²³

Primeiramente, a “distribuição” das propriedades das palavras (anteriormente concentradas nos itens lexicais, no léxico) fez com que as análises morfológicas precisassem lidar não apenas com problemas semântico-estruturais (a construção de significados não composicionais), mas também com problemas de Semântica Lexical (a natureza semântica das raízes) e de Semântica Formal (a interpretação dos morfemas em Forma Lógica (LF)).

Nesse sentido, a agenda de problemas morfossemânticos se ampliou não apenas quantitativamente, mas também qualitativamente, à medida que pesquisadores interessados na contribuição semântica dos morfemas — não apenas na MD, mas também em outros modelos construcionistas — passaram a “descobrir” novos problemas empíricos

²²Discussões introdutórias em português podem ser encontradas em Lorenço da Silva (2010), Scher, Bassani e Minussi (2013), Figueredo Silva e Medeiros (2016), Scher (2017), Figueredo Silva (2020) e Scher, Bassani e Armelin (2023).

²³Cf. Harley (2012) para um panorama da pauta semântica dentro da MD.

bem como a vislumbrar novas formulações e modelagens teóricas. Nas duas subseções que seguem, eu vou comentar brevemente dois tipos de questão que emergem para a interface entre morfologia e semântica nessa perspectiva.

4.1 Significado estrutural

Na visão tradicional, a natureza constitutiva dos morfemas, como discutido na seção 1, envolvia duas facetas: uma de som e outra de significado. Em contrapartida, na MD, modelo em que morfologia é sintaxe, a natureza interpretativa dos morfemas ganha uma nova dimensão, qual seja: a posição do morfema na estrutura sintática (e não apenas na cadeia morfológica). Nos termos de Bassani e Costa (2024, p. 13), “o significado de uma palavra é uma função dos significados de seus morfemas e da maneira como eles são combinados sintaticamente”. Especificamente, assim como qualquer constituinte sintático, a posição de um morfema na MD é relevante para sua interpretação, como pode ser visto em (6), (7) e (8); em particular, no que tange a relações de escopo.

- (6) a. [O leão] atacou [o caçador].
b. [O caçador] atacou [o leão].
- (7) a. eletr-[ic]-[ist]-a
b. humor-[ist]-[ic]-o
- (8) a. [anti]-[ex]-marid-o
b. [ex]-[anti]-soci-al

É verdade que, diferentemente dos constituintes entre colchetes em (6), que podem mudar de posição em relação ao núcleo (isto é, podem ser argumento interno ou externo do verbo), os constituintes entre colchetes em (7) e (8) não podem mudar sua posição em relação ao núcleo (isto é, em relação ao seu estatuto como prefixo ou sufixo). Ainda assim, é possível observar como a ordem dos constituintes morfológicos, em termos da relação de escopo, ajuda a construir composicionalmente o significado da palavra.

Assim, assumindo que um dos significados de *-ista* seja agentivo e que *-ico* indique uma propriedade de *X*, composicionalmente, *eletricista* significa “agente de *X*, tal que *X* tem propriedades relativas a $\sqrt{\text{ELETR}}$ (ou seja, que opera sobre coisas que têm a propriedade de ter eletricidade), e *humorístico* significa “que tem propriedades relativas a um agente de $\sqrt{\text{HUMOR}}$ (ou seja, que tem a propriedade de causar humor). Da mesma sorte, assumindo que *anti-* signifique “contrariedade” e que um dos significados de *ex-* seja o de “destituição”, *anti-ex-marido* significa “a propriedade de ser contra indivíduos destituídos do papel de marido”, e *ex-antissocial* significa “destituição da propriedade de ser contra interações entre indivíduos”. Naturalmente, a composicionalidade semântica completa depende do significado que se atribui à raiz e também dos significados especiais (isto é, idiossincráticos) atribuídos às palavras. Seja como for, o ponto é apenas mostrar que esse tipo de exercício é o mote da composicionalidade morfossemântica.

Ainda sob essa perspectiva, desde as primeiras versões da LG, tem sido argumentado que os constituintes podem ser pronunciados em posições diferentes daquelas onde são interpretados (isto é, aquelas em que são gerados); trata-se do principal argumento empírico para a postulação de movimento sintático. Exemplos conhecidos são os dos

operadores-*qu*, em (9a), das estruturas de topicalização, em (9b), e do escopo de quantificadores, em (9c) — nesse exemplo, trata-se de um movimento coberto, em LF.

- (9) a. [Quem]_i o João beijou <quem>_i?
 b. [Café com açúcar]_i a Maria detesta <café com açúcar>_i.
 c. [Não]_i [todos os professores] <não>_i aderiram à greve.

Uma consequência direta desse tipo de motivação sintática é a de que, se morfemas são constituintes sintáticos, era de se esperar que eles também pudessem sofrer movimento, o que não parece ocorrer, dadas a impossibilidade de alterar o estatuto posicional de um morfema em relação à sua base (ou seja, ser prefixo, sufixo etc.) e a agramaticalidade de compostos quando uma de suas bases é extraída (**qual cama_i você comprou sofá-<cama>_i?*). Ainda assim, como notam Fábregas e Scalise (2012), a resposta para esse problema tem sido a de que não se pode deslocar *qualquer* constituinte sintático; os constituintes sintáticos que não podem ser movidos ficaram conhecidos na LG como *ilhas*²⁴ (do tipo **qual canção_i você encontrou o autor que compôs <qual canção>_i?*). Sob essa visão, seria possível argumentar, então, que os constituintes sintáticos internos a uma palavra (ou seja, os morfemas) seriam *ilhas sintáticas*.

É justo mencionar, porém, que o estatuto de ilha das palavras é uma manobra teórica que requer mais sustentação empírica. Nessa toada, Resende (2023), discutindo argumentos para a postulação de movimentos internos à palavra, defende que alguns morfemas são pronunciados em posições diferentes daquelas onde são interpretados e, com base em fenômenos do tipo de (9c), o autor mostra que o prefixo *pré-*, um modificador, mantém diferentes relações de escopo com as unidades com que se combina, como pode ser visto em (10).

- (10) a. pré-escola (“antes da escola”), pré-parto (“antes do parto”)
 b. pré-pago (“pago antes”), prever (“ver antes”), pressentir (“sentir antes”)

Com base em exemplos do tipo de (10), Resende defende que apesar de na superfície — isto é, na Forma Fonética (PF) —, o prefixo sempre aparecer à esquerda da base/raiz, na estrutura sintática, a posição desse modificador pode variar a depender da sua relação de escopo com a base: nos casos em (10a), a posição original do morfema é à esquerda da base, mas em (10b), *pré-* deve ser gerado à direita da base, devido ao escopo da modificação; *prever o acidente* significa “ver o acidente antes” e não “antes de ver o acidente”. Para o autor, a posição fixa desses prefixos, a despeito de sua interpretação, tem a ver com restrições templáticas que pesam sobre sua ocorrência, isto é, independentemente do escopo do modificador, *pré-* precisa figurar à esquerda da base, o que força um movimento desse morfema em PF — e garante sua interpretação correta em LF.

Na mesma linha de raciocínio, convém mencionar um último caso interessante de como a visão de morfemas como objetos sintáticos reconfigura a forma como alguns fenômenos são analisados. Já é de longa data o reconhecimento de que o aspecto progressivo (expresso pelo morfema de gerúndio) não é compatível com certos predicados estativos, como em (11a), nem com o verbo modal *dever* (nas leituras epistêmica ou deontica), como em (11b). Porém, essa agramaticalidade parece não ser mantida quando esses mesmos predicados aparecem em sentenças adjunto em vez de sentenças matrizes, como em (12).

²⁴Cf. Boeckx (2012) para discussões detalhadas bem como para um panorama e referências.

- (11) a. *Pedro está tendo olhos verdes.
b. *Pedro está devendo sair.
- (12) a. Tendo olhos verdes, Pedro pode ser Harry Potter na peça da escola.
b. O tempo está nublado, devendo chover no final de semana.

O que esse contraste revela é que existem certas restrições morfossemânticas (como, por exemplo, a compatibilidade de aspecto progressivo com certos tipos de predicado) que só podem ser capturadas se for considerada uma dimensão maior (isto é, sintática) da ocorrência desses morfemas. Sem adentrar detalhes de implementação, esses fenômenos e essas generalizações não poderiam ser, por contingência teórica e metodológica, capturados em uma visão que separa qualitativamente a sintaxe da morfologia ou que atribui à palavra um estatuto especial quanto ao domínio de licenciamento dos morfemas ou de regras de formação.

4.2 Significado lexical

Como argumentado anteriormente, com o advento da LG, a pauta de fenômenos morfossemânticos instanciada pelo Estruturalismo foi não apenas expandida como também os próprios fenômenos já conhecidos foram reanalisados à luz das modelagens teóricas posteriores; o mesmo se deu com a emergência dos modelos não lexicalistas (em especial, a MD). Na seção 4.1, mostrou-se como a agenda da interface entre morfologia e semântica foi estendida devido à análise de que morfemas são objetos sintáticos. Por sua vez, nesta seção, eu vou discutir brevemente como alguns problemas clássicos foram reinterpretados na MD e como análises clássicas não puderam ser imediatamente transpostas para esse modelo por incompatibilidades teórica e/ou epistemológica.

Como já mencionado, na MD, a associação entre a forma e o significado dos morfemas não é apenas dissociável, como também é separada em componentes diferentes da arquitetura da gramática. Conforme Marantz (1997), enquanto os morfemas como unidades abstratas são armazenados no *Léxico estrito* (a *Lista 1*), sua contraparte morfofonológica é armazenada no *Vocabulário* (a *Lista 2*) e acessada/manipulada apenas na ramificação para PF, depois de a estrutura sintática já ter sido gerada. Essa visão, em última análise, prescinde em parte dos problemas de polissemia e homofonia dos afixos.

Por exemplo, o sufixo *-eir-* (com vogais *-o* ou *-a*) pode aparecer na construção de nomes agentivos a partir tanto de bases verbais, como *fofoqueiro*, quanto de raízes, como *sapateiro*; além disso, pode aparecer como sufixo iterativizador de eventos como em *berreiro*, mas também *trabalheira* e *zoeira*.²⁵ A questão que esses casos colocam, então, é a de se é possível falar em polissemia de afixos na MD, e uma análise mais atenta dos mecanismos dessa teoria nos leva a uma resposta negativa para essa questão. Na visão tradicional, a polissemia é observada quando o próprio afixo carrega diferentes leituras; contudo, na MD, não são os afixos em si que carregam as diferentes leituras, pois os *itens de Vocabulário* são intrinsecamente dissociados das estruturas que eles realizam.

Assim, *-eir(o/a)* é a realização fonológica de um núcleo nominalizador (ou adjetivizador) em uma estrutura específica, como uma contendo um traço AGENTIVO OU ITERATIVO, que

²⁵Outras leituras disponíveis são as de locativo (*galinheiro*), instrumento (*pipoqueira*) e aquelas de adjetivos (*grosseiro*).

dá conta de gerar a interpretação correta para esses nomes. Nessa perspectiva, então, “polissemia” é apenas um rótulo descritivo para a idiosincrasia morfofonológica de um mesmo item de Vocabulário aparecer em estruturas diferentes, veiculando leituras diferentes. Nesse sentido, a polissemia está para o domínio derivacional assim como o sincretismo está para o domínio flexional.

Para um exemplo simplificado, pode-se analisar /m/ como a realização do traço [PL] no tempo presente dos verbos do português (*amam, bebem, sorriem*), mas essa realização se dá tanto na concordância com pronomes de 2ª pessoa (*vocês amam*) quanto com de 3ª pessoa (*eles bebem*). Assim, descritivamente, -m é um morfema que “carrega” (ou, nesse caso, realiza) duas leituras diferentes, mas relacionadas. No entanto, diferentemente do que ocorre no domínio flexional, em que há uma distinção clara entre sincretismo e homofonia acidental²⁶, no domínio derivacional, em um modelo realizacional, a distinção entre polissemia e homofonia é enfraquecida.

Halle (1997), em um dos textos fundacionais da MD, faz a seguinte observação a respeito do morfema -s do inglês: “o sufixo /z/ é o expoente fonológico do complexo de traços gramaticais [3.SG.PRES] em verbos, mas também de [PL] em nomes” (p. 126, tradução minha). Nessa passagem, ao caracterizar a realização do morfema -s²⁷, o autor sugere não haver dois itens de Vocabulário *diferentes* para as duas estruturas que ele realiza, o que configura a mesma situação recém-descrita para -eir(o/a) ou para qualquer caso de polissemia discutido na seção 2.3. Essa conclusão leva a dois questionamentos dentro da MD, a saber:

- (i) A distinção entre homofonia e polissemia de afixos é *teoricamente* relevante?
- (ii) Em caso afirmativo, que propriedades sincrônicas regulam a distinção entre um fenômeno e outro, como no caso do sincretismo, e que previsões essa distinção é capaz de fazer?

Vale notar que esse problema se coloca também para a interpretação na *Enciclopédia* (a *Lista 3*): os verbalizadores -iz(ar) e -ific(ar) são morfemas distintos pelo menos da perspectiva morfofonológica, mas dada a dissociação entre forma e significado, pode-se questionar se eles têm instruções de interpretação diferentes para o significado “tornar X”. Dito de outro modo, um mesmo significado (isto é, a mesma entrada enciclopédica) pode ser acessado por dois morfemas diferentes? Caso respondamos afirmativamente a essa questão, estaríamos diante de um caso de *sinonímia perfeita* por definição. Para tratar dessa possibilidade no domínio morfológico, eu vou me referir a ela como “homossemeia” — cf. (13b) a seguir.

Quanto à natureza das raízes, a discussão já está bem mais desenvolvida dentro da teoria, e a conjectura de as raízes carregarem alguma informação semântica já na *Lista 1* é um tópico de intenso debate e algumas controvérsias na MD.²⁸ Para colocar a questão de forma simples, a destituição de propriedades “lexicais” dos morfemas na MD, atribuídas ao Vocabulário e à *Enciclopédia*, levou ao questionamento de se, por exemplo,

²⁶Cf. Caha (2019) para um panorama dessa discussão e referências

²⁷Uma homofonia que também ocorre em português como em *as casas* (plural nominal) versus *tu casas* (2ª pessoa do singular, na variedade padrão).

²⁸Cf. referências a seguir e Monteiro e Gonçalves (2021) para um panorama.

√CÃO carrega algum significado anterior às estruturas sintáticas em que aparece. Como herança do raciocínio estruturalista, inicialmente na MD, assumia-se que o significado de uma raiz era o significado base da palavra; entretanto, a partir de Acquaviva (2009), compreendeu-se que a semântica das raízes, tal como no Estruturalismo, não podia ser imediatamente transposta para uma teoria não lexicalista como a MD.

Mais especificamente, o descompasso na identificação entre forma e significado se observa no fato de ser possível determinar com relativa clareza a forma de uma raiz (por exemplo, √FLOR em *floricultura*), pelo processo de comutação, mas não do seu significado; ou seja, apesar de haver o reconhecimento explícito de que a raiz “carrega o significado base da palavra” ou “expressa a carga semântica do vocábulo” (Monteiro, 2002, p. 45) — o que inclusive atribuiu a essa unidade o rótulo de “semantema” —, a determinação concreta de significado da raiz permanece inefável às teorias morfológicas.

No Estruturalismo, o “conteúdo semântico” de uma raiz recebeu uma caracterização abstrata, intuitiva, já que os falantes são capazes de relacionar semanticamente palavras cognatas por causa de sua raiz, como *floricultura*, *floral*, *florista*, *florescer* e talvez *flora*, *floresta* etc. Contudo, um olhar mais atento para a aplicação desse conceito de raiz revela que a identificação semântica dessa unidade depende da(s) palavra(s) que ela vai derivar e, via de regra, não da sua forma isoladamente. Dito de outra forma, os falantes sabem relacionar semanticamente palavras cognatas porque conhecem o significado-base dessas palavras (o qual se associa à raiz) sem, contudo, serem capazes de identificar, de forma isolada, o significado da raiz.

Nesse sentido, como argumenta Acquaviva (2009), o significado que pode ser atribuído às palavras derivadas não é um significado que pode ser atribuído à unidade morfológica *raiz*, ainda que esse significado seja abstrato; por exemplo, o significado “animal doméstico de quatro patas que late” não é um significado atribuído à raiz √CÃO, mas à palavra *cão*; ou seja, a uma estrutura já categorizada e com significado definido. Deixando de lado os detalhes da argumentação de Acquaviva, a conclusão do autor é a de que as raízes não carregam nenhuma informação semântica na Lista 1, pois atribuir qualquer significado a essas unidades seria antever uma certa categoria (isto é, ao admitirmos que o significado de raiz seja o significado de um nome, antevemos que a raiz vai formar um nome), o que é incompatível com a visão das raízes acategoriais na MD.

Seja como for, apesar de sua argumentação e de esse trabalho ter constituído um “divisor de águas” no que tange à discussão sobre a natureza das raízes, surgiram diversas reações a essa análise acerca de diferentes fenômenos em diferentes línguas. Para sintetizar esse debate, empírica e teoricamente, eu vou dividir os trabalhos sobre esse tema em quatro categorias, quais sejam: (i) os que defendem que as raízes não carregam nenhum conteúdo semântico na Lista 1 (Acquaviva, 2009; Harley 2014; Panagiotides; Nóbrega, no prelo), (ii) os que defendem que as raízes podem ser associadas a traços gramaticais específicos (Marantz, 1996; Harley, 1999; Resende; Basso, 2022, 2024), (iii) os que defendem que as raízes carregam um significado nuclear subespecificado (Alexiadou, 2001; Arad, 2003; Alexiadou; Lohndal, 2017); (iv) os que defendem que as raízes denotam algum tipo de categoria semântica como, por exemplo, categorias lexicais como estados ou tipos de evento (Marantz, 1997), como eventos, entidades etc. (Marantz, 2001, 2013b) ou como tipos semânticos (Moulton, 2014; Levinson, 2015).

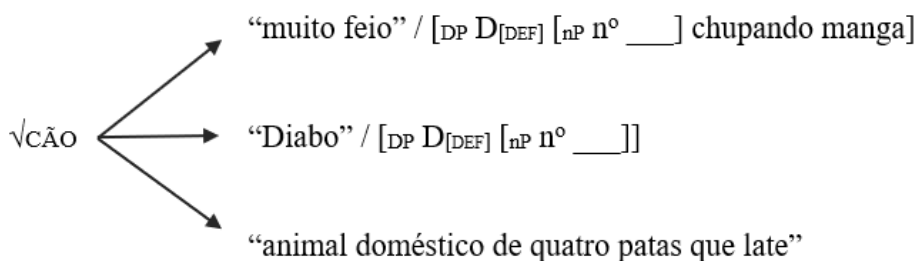
Pondo de lado o problema específico da natureza semântica das raízes na Lista 1 (a saber, as raízes carregam alguma informação antes de comporem uma palavra/estrutura),

outras questões correlatas emergem. A primeira delas tem a ver com polissemia. Como comentado na seção 2.3, a análise da possibilidade de as raízes poderem ou não ser polissêmicas na MD depende daquilo que se assume que as raízes significam. Por exemplo, se as raízes carregam um significado subespecificado, todos os significados relacionados — o caso clássico de polissemia — podem ser derivados a partir dela; a mesma análise pode ser mantida se as raízes carregarem/realizarem traços gramaticais específicos — tais como CONTÁVEL, ANIMADO etc. para Marantz (1996), \pm DELIMITADO para Harley (1999) e EVENTO para Resende e Basso (2022, 2024).

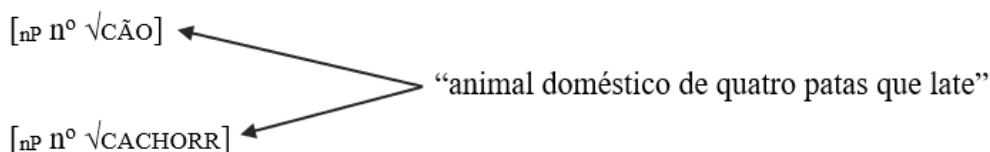
No entanto, se as raízes não carregam nenhum significado inerente, não é possível falar em polissemia de *raízes*, mas apenas em alossemia, que consiste na visão de que todo o significado é construído estruturalmente e para o qual as raízes contribuem apenas como índice para instruções de interpretação, como em (13a). Contudo, uma implicação dessa visão, como mencionado anteriormente para os afixos, é a de que se as raízes não fornecem uma contribuição individual para o significado das palavras, não há critérios claros para distinguir homofonia de polissemia também no caso das raízes. Naturalmente, esta pode se provar ser uma distinção teoricamente não relevante para a MD. Ainda assim, trata-se de uma questão que deve ser empiricamente justificada e não apenas aceita por ser o subproduto de uma análise que discute um problema relacionado.

Adicionalmente, em relação à questão descrita como homofonia, há aquela descrita como *homossemia*, no que tange às entradas enciclopédicas. O esquema em (13) ilustra os fenômenos de alossemia e de homossemia para as raízes. Seguindo o mesmo raciocínio, questões relacionadas seriam a de se, por exemplo, o significado enciclopédico de “morte” é diferente nos contextos em que ele é atribuído ao verbo *morrer* ou à expressão idiomática *bater as botas* bem como se *cão*, em termos de acesso ao conhecimento de mundo, significa algo diferente de *cachorro*. Se a resposta para essa questão for negativa, talvez estejamos diante de mais um caso de homossemia — a atribuição de significado não determinada contextualmente é a interpretação *default* (Harley, 2014).

(13) a. **Alossemia**



b. **Homossemia**



Fonte: elaboração própria.

5 Considerações finais

Neste trabalho, busquei fazer uma breve narrativa de como a agenda de fenômenos que poderiam ser chamados de “morfossemânticos” emergiu nos trabalhos em Morfologia, do Estruturalismo até os modelos de morfologia na Linguística Gerativa; em particular, o lexicalismo de Aronoff (1976) e a Morfologia Distribuída. Tal narrativa teve o objetivo de mostrar como as diferentes modelagens teóricas permitiram expandir, mas também reinterpretar, a pauta de fenômenos subjacente à relação entre morfologia e semântica sendo construída. Em síntese, espero ter mostrado que o “conteúdo semântico” em Morfologia é um tópico emergente com questões extremamente caras à discussão sobre a arquitetura da gramática e sobre a natureza das raízes bem como sobre as relações entre os diferentes níveis de análise, questões estas que permanecem em aberto.

Referências

- ACKEMA, Peter; NEELEMAN, Ad. Morphology \neq Syntax. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles (ed.). *The Oxford handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 325-352.
- ACQUAVIVA, Paolo. Morphological Semantics. In: HIPPISEY, Andrew; STUMP, Gregory (ed.). *The Cambridge handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 117-148.
- ACQUAVIVA, Paolo. Roots and lexicality in Distributed Morphology. *York Papers in Linguistics*, York, v. 2, p. 1-20, 2009.
- ALEXIADOU, Artemis. *Functional structure in nominals: nominalization and ergativity*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- ALEXIADOU, Artemis; LOHNDAL, Terje. On the division of labor between roots and functional structure. In: D’ALESSANDRO, Roberta; FRANCO, Irene; GALLEGÓ, Angél, J. (ed.). *The verbal domain*. Oxford: Oxford, 2017. p. 85-102.
- AMEKA, Felix. Interjections: the universal yet neglected part of speech. *Journal of Pragmatics*, Oxford, v. 18, p. 101-118, 1992.
- ANDERSON, Stephen R. A short story of Morphological Theory. In: AUDRING, Jenny; MASINI, Francesca (ed.). *The Oxford handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 19-33.
- ARAD, Maya. Locality constraints on the Interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. *Natural Language & Linguistic Theory*, Dordrecht, v. 21, p. 737-778, 2003.
- ARONOFF, Mark. *Word formation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.
- BASSANI, Indaiá de Santana; COSTA, Marcela Nunes. Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 11-35, 2024.
- BOECKX, Cedric. *Syntactic islands*. Cambridge: Cambridge, 2012.

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1985.

CAHA, Pavel. Syncretism in Morphology. *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*, Oxford, p. 1-30, 2019.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História da Linguística*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986 [1975].

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].

CHOMSKY, Noam. Notas sobre nominalização. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 65, p. 437-496, 2022 [1970].

DAHL, Eystein; FÁBREGAS, Antonio. Zero morphemes. *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*, Oxford, p. 1-30, 2018.

DI SCIULLO, Anna Maria; WILLIAMS, Edwin B. *On the definition of word*. Cambridge; London: MIT Press, 1987.

DOWNING, Laura J; STIEBELS, Barbara. Iconicity. In: TROMMER, Jochen (ed.). *The morphology and phonology of exponence*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 379-426.

EMBICK, David; MARANTZ, Alec. Architecture and blocking. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 39, n. 1, p. 1-53, 2008.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed Morphology and the Syntax-Morphology interface. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles (ed.). *The Oxford handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 289-324.

EMBICK, David; SHWAYDER, Kobey. Deriving morphophonological (mis)applications. In: PETROSINO, Roberto; CERRONE, Pietro; HULST, Harry Van Der (ed.). *From sounds to structures: beyond the Veil of Maya*. Mouton: De Gruyter, 2018. p. 193-248.

FÁBREGAS, Antonio; SCALISE, Sergio. Morphology's relation to syntax. In: FÁBREGAS, Antonio; SCALISE, Sergio (ed.). *Morphology: from data to theories*. Edinburgh: Edinburgh Press, 2012. p. 133-151.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. Apresentação à edição brasileira. In: SANTANA, Beatriz Pires; RESENDE, Maurício (org.). *A Morfologia Distribuída e as peças da flexão*. Curitiba: UFPR, 2020. p. 11-28.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Para conhecer Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

HALLE, Morris. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 4, n. 1, p. 3-16, 1973.

HALLE, Morris. Distributed Morphology: impoverishment and fission. In: LECARME, Jacqueline; LOWENSTAMM, Jean; SHLONSKY, Ur (ed.). *Current Issues in Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 125-149.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. *A Morfologia Distribuída e as peças da flexão*. Curitiba: UFPR, 2020 [1993].

- HARLEY, Heidi. Denominal verbs and Aktionsart. *MIT Working papers in Linguistics*, Cambridge, v. 35, p. 1-13, 1999.
- HARLEY, Heidi. Semantics in Distributed Morphology. In: MAIENBORN, C.; von HEUSINGER, K.; PORNTNER, P. (ed.) *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. De Gruyter: Mouton, 2012. p. 2151-2171.
- HARLEY, Heidi. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, Berlin, v. 40, n. 3-4, p. 225-276, 2014.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- KASTOVSKY, Dieter. Conversion and/or zero: word formation theory, Historical Linguistics, and typology. In: BAUER, Laurie; VALERA, Salvador (ed.). *Approaches to conversion/zero derivation*. Waxmann: New York / Berlin, 2005. p. 31-49.
- KIPARSKY, Paul. Lexical Morphology and Phonology. In: The linguistic society of Korea (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 3-91.
- LEVINSON, Lisa. The ontology of roots and verbs. In: ALEXIADOU, Artemis; BORER, Hagit; SCHÄFER, Florian (ed.). *The syntax of roots and the roots of syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 208-229.
- LIEBER, Rochelle. *Deconstructing morphology: word formation in syntactic theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.
- LIEBER, Rochelle. *Morphology and Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- LIEBER, Rochelle. Derivational Morphology. *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*, Oxford, p. 1-25, 2017.
- LOURENÇO DA SILVA, Everton. O advento da Morfologia Distribuída. *ReVEL*, Porto Alegre, v. 8, n. 14, p. 1-15, 2010.
- MARANTZ, Alec. "Cat" as a phrasal idiom: consequences of late insertion in Distributed Morphology. Paris, 1996. Manuscript.
- MARANTZ, Alec. *Words*. New York, 2001. Manuscript.
- MARANTZ, Alec. Locality domains for contextual allomorphy across the Interfaces. In: MATUSHANSKY, Ora; MARANTZ, Alec (ed.). *Distributed Morphology today: morphemes to Morris Halle*. Cambridge; London: MIT Press, 2013a. p. 95-115.
- MARANTZ, Alec. Verbal argument structure: events and participants. *Lingua*, North Holland, v. 130, p. 152-168, 2013b.
- MARANTZ, Alec. Sem escapatória da sintaxe: não tente fazer análise morfológica na privacidade do seu próprio léxico. *ReVEL*, Porto Alegre, v. 13, n. 24, p. 8-33, 2015 [1997].
- MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo "-des". *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 95-121, 2010.
- MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Considerações sobre o prefixo "re-". *Alfa*, São José do Rio Preto, v. 56, n. 2, p. 583-610, 2012.

MENDIKOETXEA, Amaya; URIBE-ETXEBARRIA, Myriam. The morphology-syntax interface. In: MENDIKOETXEA, Amaya; URIBE-ETXEBARRIA, Myriam (ed.). *Theoretical issues at the syntax-morphology interface*. Gehigarriak: ASJU, 1997. p. 11-33.

MINUSSI, Rafael Dias; BASSANI, Indaiá de Santana. Em favor do conteúdo semântico das raízes. *Revista Letras*, Curitiba, v. 96, p. 152-173, 2017.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

MONTEIRO, Beatrice Nascimento; GONÇALVES, Elisângela. Semântica(s) e raízes: discutindo a natureza das raízes na Morfologia Distribuída. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 78-93, 2021.

MOULTON, Keir. Simple event nominalization: roots and their interpretation. In: PAUL, Ileana (ed.). *Cross-linguistic investigation of nominalization patterns*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 119-144.

PANAGIOTIDIS, Phoevos; NÓBREGA, Vitor Augusto. *Why we need roots in Minimalism*. No prelo.

RESENDE, Maurício. Mudança semântica diacrônica no domínio intravocabular: o caso das raízes cranberry do português. In: ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel (org.). *História semântica do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 120-145.

RESENDE, Maurício. Movendo prefixos: notas sobre prefixação (ou pré-fixação) em português. In: NAMIUTI, Cristiane; GONÇALVES, Elisângela (org.). *Morfologia, Sintaxe e interfaces*. Campinas: Pontes, 2023. p. 12-33.

RESENDE, Maurício; BASSO, Renato Miguel. Semântica de eventos no domínio nominal: diferenças e semelhanças entre nominalizações e nomes que denotam eventos. *DELTA*, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 1-22, 2022.

RESENDE, Maurício; BASSO, Renato Miguel. Simple nouns are not that simple: a survey of eventive nominals with no verbal counterpart. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 28, n. 2, p. 1-21, 2024.

RESENDE, Maurício; RECH, Núbia. Uma análise dos adjetivos em “-vel” à luz da Morfologia Distribuída. *Alfa*, São José do Rio Preto, v. 64, p. 1-21, 2020.

RESENDE, Maurício; SILVA, Adelaide. Putz! Por que as interjeições são diferentes? Problemas formais na Morfologia e na Fonologia. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 65, p. 57-81, 2022.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SCALISE, Sergio; GUEVARA, Emiliano. The lexicalist approach to word formation and the notion of the lexicon. In: ŠTEKAER, Pavol; LIEBER, Rochelle (ed.). *Handbook of Word Formation*. Dordrecht: Springer, 2005. v. 64, p. 147-187.

SCHER, Ana Paula. Morfologia Distribuída: formação de palavras na sintaxe. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Novos caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 37-59.

SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai (org.). *Manual de Morfologia Distribuída*. Aracajú: Editora da ABRALIN, 2023.

SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; MINUSSI, Rafael Dias. Morfologia em Morfologia Distribuída. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 1, n. 47, p. 9-29, 2013.

SELKRIK, Elisabeth O. *The syntax of words*. Cambridge; London: MIT Press, 1982.

SIDDIQI, Daniel. The morphology-syntax interface. In: CARNIE, Andrew; SATO, Yosuke; SIDDIQI, Daniel (ed.). *The Routledge handbook of Syntax*. New York: Routledge, 2014. p. 345-364.

VALERA, Salvador. Polysemy versus homonymy. *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford, 2020.

ZWARTS, Joost; BASSO, Renato Miguel. Counterdirectionality cross-linguistically: comparing Brazilian Portuguese and Dutch. *Revista da ABRALIN*, Aracajú, v. 15, n. 1, p. 19-44, 2016.

Artigo convidado.

Recebido e aceito em 28 de outubro de 2024.

AdvP alto vai na periferia direita fácil fácil: X-mente e adjetivo adverbial na cartografia

Sara Adelino*

Resumo

Este estudo explora as diferenças estruturais entre adjetivos adverbiais (AAs) e advérbios com o sufixo -MENTE, particularmente em suas capacidades de modificar eventos e frases no português brasileiro. A proposta de análise é fundamentada em exemplos do uso desses elementos em diferentes contextos, evidenciando que tanto os AAs quanto os advérbios podem atuar como modificadores de verbos e sentenças. No entanto, enquanto os advérbios com o sufixo -MENTE frequentemente modificam frases na posição inicial ou final, os AAs tendem a aparecer predominantemente na periferia direita das sentenças, sugerindo uma diferença na sua distribuição e função. Esse apontamento parece desafiar as premissas tradicionais da literatura cartográfica, principalmente no que tange à posição dos advérbios e suas implicações para a estrutura arbórea da língua. Esta pré-investigação contribui para uma compreensão mais profunda da sintaxe e semântica dos modificadores em português, abrindo caminhos para futuras pesquisas sobre a interação entre diferentes tipos de modificadores e suas representações estruturais.

Palavras-chave: adjetivo adverbial; advérbio *-mente*; periferia direita; cartografia

Abstract

This study explores the structural differences between adverbial adjectives (AAs) and adverbs with the suffix -MENTE, particularly regarding their abilities to modify events and sentences in Brazilian Portuguese. The proposed analysis is based on examples of these elements used in various contexts, demonstrating that both AAs and adverbs can function as modifiers of verbs and sentences. However, while adverbs with the suffix -MENTE often modify sentences at the beginning or end positions, AAs predominantly appear in the right periphery of sentences, suggesting a difference in their distribution and function. This observation appears to challenge traditional cartographic literature assumptions, particularly concerning the position of adverbs and their implications for the tree structure of the language. This preliminary investigation contributes to a deeper understanding of the syntax and semantics of modifiers in Portuguese, paving the way for future research on the interaction between different types of modifiers and their structural representations.

Keywords: adverbial adjective; adverb with *-mente*; right periphery; cartography

*Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS. *E-mail:* sara.adelino@ufms.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0810-0343>. Agradeço à Professora Ana Calindro pelo incentivo e pelas discussões que levaram a este trabalho.

1 Introdução

Adjetivos e advérbios com sufixo em -MENTE podem modificar tanto indivíduos quanto eventos (Foltran, 2010), como é possível verificar nos exemplos abaixo, retirados de páginas na Internet:

- (1) a. Crise: o socorro **veio rápido**. . . para os de sempre (Reconta Ai)
 b. [...] não possibilitaria uma **vinda rápida** ao Rio de Janeiro para visitar os filhos. (Globo.com)
 c. Mas a decisão **veio rapidamente**, apenas quatro dias depois. (IPC Digital)
 d. Nesta ida e **vinda rapidamente** ao Rio, a ex-sister chegou a ser tietada no Aeroporto Santos-Dumont. (Globo.com)
- (2) a. [...] mas logo depois ele a alcançou, **pegou forte** no seu braço [...] (Carta Maior)
 b. Esquece a Solidão e Sai tem uma **pegada forte**, que bota pra dançar [...] (NE10)
 c. [...] já que a **pegou fortemente** pelo braço há alguns dias e ela não gostou. (Blasting News)
 d. [...] como parte da pegada **fortemente política** que é [...] (Plano Crítico)

Em (1a) e (1c), tanto o adjetivo *rápido* quanto o advérbio *rapidamente* modificam o evento do verbo *vir*, assim como o mesmo adjetivo e o mesmo advérbio mostram-se capazes de modificar a forma nominal desse verbo em (1b) e (1d). Já em (2a) e (2c), o adjetivo *forte* e o advérbio *fortemente* também modificam um evento de um verbo, especificamente o verbo *pegar*, e ambos podem ser modificadores da forma nominal desse verbo (2b) e de outro adjetivo ((2d); elemento que apresenta traço nominal).

É importante apontar que alguns autores, como Lobato (2008), não consideram o adjetivo como um possível modificador de eventos. A autora descreve o adjetivo adverbial como um adjetivo que modifica a particularidade nominal do verbo, então, em (1a), *rápido* não estaria modificando a ação de *vir*, mas sim a *vinda*, assim como *forte*, em (2a), não estaria relacionado ao ato de *pegar*, mas sim à *pegada*. No entanto, nessa explicação, qualquer adjetivo poderia ser inserido na posição de modificador, mas não é o que acontece, como mostram os exemplos a seguir:

- (3) a. **Argumentou bonito**, meu casa, boa noite e fora Bolsonaro. (Twitter)
 b. ***Argumentou estatístico**, meu casa, boa noite e fora Bolsonaro.
 c. Os testes estatísticos permitem ao economista dar **argumentação estatística** sobre a robustez de seus modelos econométricos. (E-Conhecimento)
 d. Nao use estatística, DESARME o **argumento estatístico**. (Twitter)
- (4) a. [...] da pop à psicodélica, você **analisa fácil** essa transformação em One. (Polyphonic Web)
 b. *Da pop à psicodélica, você **analisa histórico** essa transformação em One.
 c. Heurística é a operação pela qual se procede a recolha das fontes de informação necessárias à **análise histórica**. (Wikipédia)
- (5) a. [...] e que ela **apresentaria direito** essa “nova amiga” [...] (Projeto Lettera)
 b. *e que ela **apresentaria profissional** essa “nova “amiga”
 c. Muitos processos seletivos contam com uma etapa de vídeo de **apresentação profissional**. (NaPrática)

Em (3b), (4b) e (5b), percebe-se que algumas sentenças se tornam agramaticais se utilizarmos alguns adjetivos como modificadores verbais, ao mesmo tempo que as mesmas frases são produtivas se os adjetivos forem outros. Alguém poderia argumentar que essas impossibilidades se dariam pela ausência de traço nominal desses verbos ou de um estranhamento já na adjunção nominal, mas isso não se confere nos exemplos (3c), (3d), (4c) e (5c). Nesses dados, o que temos é justamente os correspondentes nominais e/ou nominalizações desses verbos sendo modificados pelos adjetivos que não são possíveis de serem utilizados como adjunção verbal. Então, se o funcionamento é que adjetivos modificam o aspecto nominal dos verbos, por que nem todos os adjetivos funcionam como adjetivo adverbial?

Para além desses dados, o adjetivo adverbial (AA) compartilha com o advérbio X-mente (X-M) também a posição e a função de modificador frasal, como vemos nos exemplos a seguir:

- (6) a. [...] ela relata que *frequentemente* **baratas e ratos saem do terreno** [...] (CGN)
 b. É recomendável ainda que **a mulher também faça o seu pré-natal normalmente**, com exames e consultas [...] (Portal Multiplix)
 c. *Atualmente*, **o índice no Brasil está em 4,2%** [...] (Época Negócios)
 d. Donald Trump: “**Vai haver muita morte, infelizmente.**” (PÚBLICO)
- (7) a. Flavio se você tiver um Camaro da cor do vestidinho dela, **pega ela fácil fácil**. (Revista Quem)
 b. Chega a ser triste sério, **desmerecendo total o trampo da Gabi**. (Twitter)
 c. **queimo a cr legal** (Twitter)

Em (6a-d), os X-mentes não estão diretamente ligados ao verbo, mas sim à sentença como um todo, o que é representado estruturalmente no IP. O AA também pode ser utilizado como modificador frasal, mas, no geral, só aparece desse modo em posição final de sentença e, aparentemente, apenas alguns adjetivos são recorridos, como *fácil* e *legal* (exemplos em (7)).

Em (6), encontram-se exemplos de X-M que modificam sentenças, especificamente *frequentemente*, *normalmente*, *atualmente* e *infelizmente* relacionando-se com as suas respectivas frases em negrito. Em (7) o mesmo acontece com os adjetivos *fácil*, *total* e *legal*. Então, além de nem todos os adjetivos supostamente poderem modificar particularidades nominais dos verbos, alguns deles vão além e são utilizados na posição de adjunto frasal. Os AAs frasais contra-argumentam a proposta de Lobato (2008) porque uma sentença não apresenta traço de nome, mas mesmo assim os falantes do português utilizam o adjetivo como modificador dela.

Tendo em mente esses dois tipos de adjunção e a perspectiva da cartografia (Cinque, 1999), este texto se propõe a apresentar uma prévia de compreensão de: (i) de que modo o AA sentencial se diferencia do X-M sentencial; (ii) e como isso afeta certas asserções propostas anteriormente na literatura.

2 Quem? Onde?

Como apresentado anteriormente, tanto o adjetivo adverbial quanto o X-mente podem ser utilizados como modificadores sentenciais, mas isso não quer dizer que eles aparecem em qualquer posição na sentença. Os exemplos a seguir mostram que a posição neutra do X-M é no início da frase:¹

- (8) a. Frequentemente eu largo esse projeto.
 b. #Eu frequentemente vou largar esse projeto.
 c. #Eu largo frequentemente esse projeto.
 d. *Eu largo esse frequentemente projeto.
 e. ?Eu largo esse projeto frequentemente.

Diferente de (8b), em que temos o X-M em posição de foco, topicalização ou agramaticais, os exemplos (8a) e (8e) são os únicos em que se poderia considerar o modificador como sentencial sem presença de estrutura informacional. E percebemos que essa ocorrência não é exclusiva do português nos exemplos a seguir, criados em inglês:

- (9) a. Usually I drop this project.
 Frequentemente eu largo esse projeto.
 'Frequentemente eu largo esse projeto.'
- b. *I usually drop this project.
 Eu frequentemente largo esse projeto.
 'Frequentemente eu largo esse projeto.'
- c. *I drop usually this project.
 Eu largo frequentemente esse projeto.
 'Frequentemente eu largo esse projeto.'
- d. *I drop this usually project.
 Eu largo esse frequentemente projeto.
 'Frequentemente eu largo esse projeto.'
- e. *I drop this project usually.
 Eu largo esse projeto frequentemente.
 'Frequentemente eu largo esse projeto.'

Vemos em (9a) que o advérbio sentencial em *-ly* é usado no início da sentença, mas (9b) não é possível sem carregar informação de foco e (9c-e) são agramaticais. Isso indica que tanto o X-M quanto o modificador em *-ly* são usados no início da frase quando modificadores frasais; e especialmente o X-M pode aparecer também em posição final. Algo semelhante é perceptível com os adjetivos adverbiais:

- (10) a. #Fácil eu largo esse projeto.
 b. *Eu fácil largo esse projeto.
 c. #Eu largo fácil esse projeto.
 d. *Eu largo esse fácil projeto.
 e. Eu largo esse projeto fácil.

¹Posição neutra é aqui entendida como a estrutura sem outras características, como foco ou topicalização.

Em (10a), o adjetivo pode ser modificador sentencial, mas com estrutura informacional de foco. Já (10b) e (10d) não são gramaticais em português. Por sua vez, para (10c) ser possível, teria que ser interpretada como adjunto adverbial, enquanto (10e) é facilmente possível em português brasileiro. Algo semelhante ocorre se olharmos o inglês novamente:

- (11) a. *Easy I drop this project.
Fácil eu largo esse projeto.
'Eu largo esse projeto fácil.'
- b. *I easy drop this project.
Eu fácil largo esse projeto.
'Eu largo esse projeto fácil.'
- c. *I drop easy this project.
Eu largo fácil esse projeto.
'Eu largo esse projeto fácil.'
- d. *I drop this easy project.
Eu largo esse fácil projeto.
'Eu largo esse projeto fácil.'
- e. I drop this project easy.
Eu largo esse projeto fácil.
'Eu largo esse projeto fácil.'

Nos exemplos em (11), percebemos também que a única sentença que tem *easy* como modificador frasal em posição neutra é (11e), visto que as outras ou apresentam informação estrutural, ou seriam interpretadas como adjunto de outro elemento, ou seriam agramaticais no geral. Então, o AA, diferente do X-M, apenas apresenta-se como modificação sentencial quando está na periferia direita.

Isso não parece ser uma grande questão se não levarmos em consideração o que a literatura na área tem proposto. Por isso, na seção seguinte, serão apresentadas as abordagens teóricas e a literatura utilizadas para essa discussão.

3 Quem foi o quê?

Cinque (1999) evidencia que a relação entre advérbios e núcleos funcionais se dá em termos de número, classe semântica e ordem relativa. Isso significa que grupos semânticos de adjuntos se organizam na representação subjacente considerando a ordem em que aparecem, como é ilustrado a seguir:

- (12) [francamente Modo_{Ato de fala} > [surpreendentemente Modo_{Mirativo} > [felizmente Modo_{Avaliativo} > [evidentemente Modo_{Evidencial} > [provavelmente Modalidade_{Epistêmica} > [uma vez T_{Passado} > [então T_{Futuro} > [talvez Modo_{Irrealis} > [necessariamente Modalidade_{Necessidade} > [possivelmente Modalidade_{Possibilidade} > [normalmente Asp_{Habitual} > [finalmente Asp_{Tardio} > [tendencialmente Asp_{Predisposicional} > [novamente Asp_{Repetitivo(I)} > [frequentemente Asp_{Frequentativo(I)} > [de/com gosto Modalidade_{Volitiva} > [rapidamente Asp_{Acelerativo(I)} > [já T_{Anterior} > [não ... mais Asp_{Terminativo} > [ainda Asp_{Continuativo} > [sempre Asp_{Contínuo} > [apenas Asp_{Retrospectivo} > [(dentro) em breve Asp_{Aproximativo} > [brevemente Asp_{Durativo} > [(?) Asp_{Genérico/Progressivo} [quase Asp_{Prospectivo} > [repentinamente Asp_{Incoativo(I)} > [obrigatoriamente Modo_{Obrigaçã} > [em vão Asp_{Frustrativo} > [(?) Asp_{Conativo} > [completamente Asp_{SingCompleto(I)} > [tudo Asp_{PlurCompleto} > [bem Voz > [cedo Asp_{Acelerativo(II)} > [do nada Asp_{Incoativo(II)} > [de novo Asp_{Repetitivo(II)} > [frequentemente Asp_{Frequentativo(II)} > ...²

Além disso, o autor também apresenta/discute que esses advérbios se dividem em relação à altura na árvore, sendo os elementos em posição mais alta aqueles advérbios sentenciais (já que aparecem em início de sentença, logo em lugar mais alto na representação) e em local mais baixo aqueles adjuntos verbais (visto que aparecem no meio e final de sentença, logo em lugar mais baixo na representação). Essas ordenações se dariam no nível do IP, sendo comumente chamado de IP expandido, visto que Cinque (1999) defende que advérbios não seriam uma adjunção, como defendido por Ernst (2002), logo, variável a depender de com quem se relaciona, mas sim que esses elementos apresentam posição pré-estabelecida, sendo, inclusive, um ótimo indicador de movimentação verbal (cf. Pollock, 1989) Essa posição pré-estabelecida seria justamente o IP, onde assumem o lugar de especificador de projeções funcionais, em virtude da presença de traços de modalidade, tempo, modo e aspecto nos advérbios.

Mais especificamente, Pollock (1989) propunha que os advérbios baixos (ou AdvPs baixos) modificariam o VP, tomando o evento verbal como escopo. Isso tudo significa que modificadores sentenciais estariam representados mais alto e, por isso, seriam advérbios altos ou AdvPs altos. Cinque (1999) também descreve que AdvP alto não vai para a periferia direita, o que é reafirmado por Tescari Neto (2015), mas com o adendo de que podem até aparecer, porém apenas quando existe um constituinte em seguida.

Essas pesquisas e representações se confirmam quando olhamos para um modificador como X-M, mas não com AA sentencial. Visto que a natureza deste é justamente estar no final da sentença, torna-se necessário repensar o modo como se tem representado esse tipo de elemento, principalmente quanto à relação entre ele e núcleo funcional.

4 O que foi e vem?

Este texto se propôs a descrever breve e comparativamente modificadores sentenciais com o sufixo -MENTE e em forma de adjetivo e a questionar como a cartografia (Cinque, 1999; Tescari Neto, 2015) os tem entendido. A literatura prevê que advérbios frasais não aparecem na periferia direita, porém os exemplos de português brasileiro e inglês aqui

²Essa representação é originalmente de Cinque (1999), mas traduzida por Tescari Neto (2015, p. 575).

trabalhados indicam justamente o contrário. Ainda está bastante incerto o porquê disso, mas poderia ser por causa de um movimento descendente do AA; ou por motivação do preenchimento do complemento interno, visto que AAs verbais tendem a aparecer com verbos intransitivos ou intransitivizados (Virginio, 2016); ou algum tipo de s-seleção do verbo em relação aos AdvPs altos.

Em virtude deste trabalho nem de longe esgotar todas as questões em torno desse objeto, algumas perguntas surgem: se AdvP alto tem sido sinônimo de modificador sentencial, então o AA sentencial é um AdvP baixo mesmo que não tome por escopo o processo verbal, mas sim a sentença como um todo? Em que âmbito se diferencia o adjetivo adverbial frasal de outro tipos de AdvP baixo? Como ocorrem a representação e os movimentos de uma estrutura arbórea com adjetivo adverbial que toma como escopo uma sentença?

Referências

CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

FOLTRAN, M. J. G. D. A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e de eventos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 81, p. 157-176, maio/ago. 2010.

LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística. In: RONCARATI, C.; VOTRE, S. (org.). *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

POLLOCK, J. Y. Verb Movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, p. 365-474, 1989.

TESCARI NETO, A. 'Só', 'exclusivamente' e suas posições na sentença. *Alfa* (UNESP), São Paulo, v. 59, n. 3, p. 573-602, 2015.

VIRGINIO, V. *Investigando a semiprodutividade construcional: o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

Squib recebido em 18 de agosto de 2024.

Squib aceito em 9 de outubro de 2024.

Los verbos implicativos y sus múltiples dimensiones de significado

Cecilia Bértola*

Resumen

En esta contribución analizo dos verbos implicativos: *lograr* y *animarse a*. Ambos difieren en los patrones de inferencia a los que dan lugar. *Lograr* entraña la verdad de su complemento en oraciones positivas y la falsedad de su complemento en oraciones negativas. Por su parte, *animarse a* únicamente entraña la falsedad de su complemento bajo polaridad oracional negativa. Además del entrañamiento característico a que dan lugar, los verbos implicativos transmiten (al menos) dos tipos de contenidos: un contenido principal a transmitir —generalmente asociado con el contenido descrito en el complemento— y un contenido secundario —generalmente asociado con el componente presupuesto o implicado—. A partir de aplicar una serie de tests diagnósticos, muestro que la distribución de los contenidos de los verbos implicativos *lograr* y *animarse a* varía notablemente y constituye un argumento a favor de la hipótesis de que las asociaciones de expresiones particulares a determinadas inferencias son graduales y mediadas por el contexto y por los hablantes (Tonhauser *et al.*, 2018).

Palabras claves: verbos implicativos; significado multidimensional; contenidos principales; contenidos secundarios

Abstract

In this contribution, I analyze two implicative verbs from Spanish: *lograr* ('manage') and *animarse a* ('have the courage to'). Both verbs differ in the inference patterns they give rise to. *Lograr* entails the truth of its complement in positive sentences and the falsity of its complement in negative sentences. For its part, *animarse* only entails the falsity of its complement in negative sentences. In addition to the characteristic entailment they give rise to, implicative verbs convey (at least) two types of content: a main content to be conveyed —generally associated with the content described in the complement— and a secondary content —generally associated with the presupposed or implied component. By applying a series of diagnostic tests, I show that the distribution of the contents of the implicative verbs *lograr* and *animarse a* varies notably and constitutes an argument in favor of the hypothesis that the associations of particular expressions to certain inferences are gradual and mediated by the context and by the speakers (Tonhauser *et al.*, 2018).

Keywords: implicative verbs; multidimensional meaning; at-issue content; not at-issue content

*Universidad de la República, UDELAR. E-mail: cbertoladarosa@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0494-9857>.

1 Introducción

En este trabajo analizo el comportamiento proyectivo de dos verbos implicativos del español: *lograr* (1) y *animarse a* (2).

- (1) Juan **logró** terminar la tesis.
- (2) Juan **no se animó** a hablar con su jefe.

Aplicando una serie de tests diagnósticos (Tonhauser, 2012), muestro que algunos implicativos son más proyectivos que otros a razón de cómo distribuyen el contenido principal a transmitir (CPT) y el contenido secundario (CS)¹. Los tests apuntan a identificar estos dos tipos de contenidos en “expresiones proyectivas”. Los resultados para los verbos implicativos me permiten concluir que *lograr* muestra una total independencia entre el CPT y el CS y *animarse a* redistribuye notablemente los dos tipos de contenidos: en determinados contextos, el CS puede pasar a primer plano y responder a la pregunta en cuestión².

Para describir este fenómeno, en la sección 2 presento el patrón inferencial característico de los verbos implicativos; en la sección 3 repaso los enfoques que estudian la semántica de los implicativos desde una perspectiva multidimensional; en la sección 4 aplico los tests diagnósticos para el caso de *lograr* y *animarse a*, y, para finalizar, en la sección 5 discuto los resultados.

2 Patrón inferencial de los verbos implicativos

Los verbos implicativos presentan un patrón inferencial particular: entrañan la verdad (o falsedad³) de su complemento. El verbo *lograr* entraña la verdad de su complemento en oraciones positivas (3) y la falsedad de su complemento en oraciones negativas (4). Por su parte, *animarse a* entraña la falsedad de su complemento en oraciones negativas (5). En oraciones positivas entraña la verdad del complemento (6a), pero, en determinados contextos, esta inferencia puede cancelarse, como en (6b). En oraciones negativas

¹Las nociones de *contenido principal a transmitir* (CPT) y de *contenido secundario* (CS) refieren a las nociones *at-issue* y *not at-issue*, respectivamente. Opto, en este trabajo, por utilizar las siglas correspondientes a los términos traducidos a español. Las traducciones son mías.

²En este trabajo no analizo la naturaleza inferencial del CS, es decir, si se trata de una implicatura convencional, de una presuposición o de algún tipo de entrañamiento secundario. Entiendo pertinente, primero, intentar explicar la manera en que los verbos implicativos distribuyen las dimensiones de su significado, para luego, en trabajos futuros poder atender esta tarea. Agradezco la observación de un evaluador anónimo.

³Cabe aclarar que implicativos negativos como *omitir* (i), entre otros, entrañan la falsedad de su complemento en oraciones de polaridad positiva:

- (i) a. Juan omitió decir la verdad.
- b. Juan no dijo la verdad.

cancelar el entañamiento genera una inconsistencia (6c)⁴. Por ello, refiero en adelante a (no)animarse a.^{5,6}

- (3) a. Juan logró terminar la tesis.
b. Juan terminó la tesis.
- (4) a. Juan no logró terminar la tesis.
b. Juan no terminó la tesis.
- (5) a. Juan no se animó a hablar con su jefe.
b. Juan no habló con su jefe.
- (6) a. Juan se animó a hablar con su jefe.
b. Juan se animó a hablar con su jefe, pero el tipo no se apareció por la oficina, así que no tuvo la oportunidad de hacerlo.
c. #Juan no se animó a hablar con su jefe, pero habló con él.

Los verbos implicativos transmiten (al menos) dos tipos de contenidos: uno principal (CPT) y uno secundario (CS). Ambos mantienen relación con el compromiso asertivo del hablante, pero se diferencian en que el compromiso asertivo con el CPT es afectado por los operadores que cancelan entañamientos, no así el CS. Ilustremos lo dicho aplicando a *lograr* el test de la familia presuposicional, como en (7):

- (7) a. Juan logró terminar la tesis.
b. Juan no logró terminar la tesis.
c. ¿Juan logró terminar la tesis?
d. Si Juan logró terminar la tesis, estará festejando.
e. Es posible que Juan haya logrado terminar la tesis.

Los ejemplos de (7) muestran que la interrogación (7c), el antecedente de condicional (7d) y los modales (7e) cancelan el compromiso asertivo de la realización del evento descrito en el complemento infinitivo de *lograr*. Sin embargo, en ninguno de estos ejemplos el hablante cancela su compromiso con respecto al esfuerzo que supone para Juan terminar la tesis. La interrogación (7c) pone en cuestionamiento si Juan terminó la tesis, no si Juan hizo el esfuerzo requerido para ello. Es abundantemente sabido que un antecedente de condicional carece de compromiso asertivo. Nótese que en (7d) el hablante no cancela la idea de esfuerzo asociada a *lograr*. Por último, el modal epistémico débil *es posible que* en (7e) indica la falta de certeza con respecto a la proposición, pero el hablante no duda respecto del esfuerzo que Juan tuvo que hacer para terminar la tesis. Este contenido de esfuerzo asociado a *lograr* —ilustrado en (8)— es un CS que constituye un “prerrequisito”, un tipo de condición⁷, para realizar la acción contenida en el

⁴Como se explica más adelante, la razón de ello es que *animarse a* impone una condición (causalmente) necesaria para que se realice la acción descrita en el complemento asociada con algún grado de valentía por parte del sujeto. Si esta acción se verifica negativamente, la acción del complemento no se realiza. Sin embargo, al ser una condición necesaria, pero no suficiente, nada determina que, si el sujeto muestra algún grado de valentía, se realice (o no) la acción del complemento.

⁵Cabe notar que Nadathur (2022) y Karttunen (1971) analizan *dare* y *have the courage to*, respectivamente, como implicativos bidireccionales. Estos dos implicativos son la contraparte de *animarse a* para el español.

⁶Por estas características, *lograr* es un implicativo *bidireccional* y *animarse a*, *unidireccional*, a la manera de Karttunen (1971).

⁷Ver sección siguiente para el desarrollo de la noción de “prerrequisito” como “un tipo de condición” particular.

complemento (Karttunen, 1971; Nadathur, 2022). Se trata de un compromiso asertivo *proyectivo* (Tonhauser, 2012; Tonhauser *et al.*, 2013), en la medida en que no cae dentro del ámbito de estos operadores.

(8) Terminar la tesis requiere esfuerzo por parte de Juan.

En lo que se refiere a *(no)animarse a*, el test de la familia presuposicional, ilustrado en (9), adelanta algunos de los problemas que este trabajo busca resolver.

- (9) a. Juan no se animó a hablar con su jefe.
 b. ¿No se animó (Juan) a hablar con su jefe?
 c. Si Juan no se animó a hablar con su jefe, todavía debe estar trabajando mil horas.
 d. Es posible que Juan no se haya animado a hablar con su jefe.

En primer lugar, la negación en (9a) no niega que Juan tuvo que haber sido valiente para hablar con su jefe, niega que Juan habló con su jefe⁸. Siguiendo a Nadathur (2022), un implicativo impone ciertas restricciones en el contexto de uso que oficia de un tipo de condición para llevar a cabo la acción contenida en el complemento de infinitivo. Esta información, que para *(no)animarse a* se ilustra en (10)⁹, se mantiene en oraciones negativas, y por ello constituye un tipo de CS proyectivo.

(10) Hablar con su jefe requiere valentía o coraje por parte de Juan.

Sin embargo, el CS de *(no)animarse a* presenta un comportamiento proyectivo diferente al de *lograr*. Considérese un contexto como el de (11).

- (11) [Contexto: Juan trabaja 60 horas semanales como ayudante en un curso masivo. Se encarga del dictado de todas las clases. Se informó sobre su situación y los abogados le recomendaron hablar con su jefe para solicitar reducción horaria. Está convencido de hacerlo y pide cita para el viernes. Todos sus colegas están al tanto de los hechos. Llegado el lunes, sus colegas comentan sobre la situación].

En un contexto como este, bajo una pregunta como la de (9b), no resulta del todo claro determinar si el hablante quiere obtener información sobre si Juan habló (o no) con su jefe o sobre si Juan fue (o no fue) valiente. Asimismo, en (9c-d), no resulta fácil determinar el alcance de los operadores que cancelan el entrafiamiento, es decir, si el antecedente de condicional y el modal cancelan el compromiso asertivo de Juan habló con su jefe o con Juan no fue valiente. El test de la familia presuposicional explicita las dos dimensiones de significado que transmite *lograr* y deja ver que *(no)animarse a* presenta algunas particularidades que atañen al modo en cómo distribuye el CPT y el CS.

⁸Como se mostró anteriormente, (5a) entrafia (5b):

- (5) a. Juan no se animó a hablar con su jefe.
 b. Juan no habló con su jefe.

⁹Cabe recordar que Nadathur analiza el implicativo *dare* para el inglés.

3 Enfoques multidimensionales del significado

En lo que se refiere al tratamiento específico de las dimensiones de significado, algunos enfoques asocian de manera indisoluble (y convencional) una expresión lingüística a un tipo de inferencia particular (Karttunen, 1971; Karttunen; Peters, 1979; Nadathur, 2022; Potts, 2014). Un implicativo como *lograr* está asociado convencionalmente a un tipo de inferencia determinada¹⁰. Subrayo que dentro de estos enfoques no hay acuerdo respecto de qué es lo que asevera y qué es el CS de un implicativo. Siguiendo a Karttunen (1971), el CPT de *lograr* es el contenido descrito en el complemento de infinitivo y expresa como CS que el prerequisite de esfuerzo que impone *lograr* constituye una condición necesaria y suficiente para que se realice la acción descrita en el complemento. Desde un marco causal, Nadathur (2022) propone que un implicativo como *lograr* asevera que el prerequisite de esfuerzo que impone *lograr* se verifica positivamente (en una oración positiva) o negativamente (en una oración negativa). Este prerequisite de esfuerzo se formaliza como un predicado agentivo $A(x)$. El CPT de *lograr* es $A(x)$ y el CS expresa que $A(x)$ es causalmente necesario y suficiente para realizar la acción del complemento.

Considerando estos enfoques, hay, al menos, dos preguntas que aún deben ser respondidas: ¿cuál es la contribución del verbo implicativo al CPT de la oración en la que aparece? y ¿cuál es la contribución del verbo implicativo al CS de la oración en la que aparece? Para responder estas preguntas considero necesario elaborar tests diagnósticos que permitan extraer resultados fiables y sistemáticos, formular de manera hipotética cuáles son estos dos tipos de contenidos para un implicativo particular y trabajar sobre la base de estos contenidos atendiendo al modo en que se distribuyen en cada contexto particular. En la sección siguiente aplico una serie de tests diagnósticos cuyos resultados permiten responder a estas preguntas.

4 Variabilidad proyectiva en los implicativos: tests diagnósticos

En esta sección aplico una serie de tests diagnósticos para identificar el CPT y el CS de expresiones proyectivas (Tonhauser, 2012). Aplico estos tests a dos verbos implicativos: *lograr* y *(no)animarse a*. Formulo, para ello, los hipotéticos CPT y CS. El hipotético CPT de ambos implicativos es la proposición expresada en el complemento de infinitivo. Como hipotético CS para *lograr* propongo “Realizar la acción descrita en el complemento de infinitivo requiere esfuerzo por parte del sujeto”. Como hipotético CS para *(no)animarse a* propongo “Realizar la acción descrita en el complemento de infinitivo requiere cierto grado de valentía por parte del sujeto”. Los ejemplos a los que aplico los tests expresan los CS hipotéticos propuestos en forma de paráfrasis que intuitivamente parecen capturarlos.

En lo que se refiere estrictamente a los tests, aplico dos diagnósticos destinados a detectar cuál es el CPT y cuál el CS. En particular, permiten determinar si el implicativo expresa algún CS y permiten establecer que, si un contenido es proyectivo en un contexto particular, en ese contexto es un CS (Tonhauser, 2012). El supuesto es el siguiente: una proposición p es un CPT si y solo si el hablante intenta abordar la pregunta en cuestión

¹⁰Estos enfoques se diferencian, entre otras cosas, por el tratamiento que se le da a esta inferencia.

—la pregunta relevante en el contexto— mediante *?p* (Tonhauser *et al.*, 2010, p. 323). La predicción es que no se puede responder a una pregunta en cuestión (una pregunta sobre el CPT) sobre la base de un CS; esto da lugar a enunciados inadecuados (#). El CS puede aparecer en enunciados que responden a la pregunta en cuestión, pero no puede estar destinado a ser el único contenido para abordar esta pregunta (Tonhauser, 2012, p. 242). Asimismo, puede aparecer como parte de la respuesta en construcciones adversativas, por tratarse de un contenido que se localiza en un segundo plano. A continuación, presento los tests de cada diagnóstico, un ejemplo de su estructura y el resultado esperado para cada situación.

Test A: Constituye una oración interrogativa nucleada por el implicativo —de tipo *¿I(V)?*— como enunciado de A y respuesta afirmativa y negativa como enunciados de B con continuaciones positivas que conllevan el hipotético CPT y el hipotético CS.

Test B: Constituye una oración interrogativa nucleada por el implicativo —de tipo *¿I(V)?*— como enunciado de A y respuesta afirmativa y negativa como enunciados de B con continuaciones adversativas que conllevan el hipotético CPT y el hipotético CS.

Los diagnósticos y las predicciones se resumen en la Tabla 1.

Tabla 1 — Tests diagnósticos y predicciones

Diagnósticos de <i>lo principal a transmitir</i>	
Test A	Test B
A: <i>¿I(V)?</i>	A: <i>¿I(V)?</i>
B1: Sí, CPT	B1: #Sí, pero NO CPT
B2: No, NO CPT	B2: #No, pero CPT
B3: #Sí, CS	B3: Sí, pero NO CS
B4: #No, NO CS	B4: No, pero CS

Fuente: elaborado por la autora.

4.1 Tests diagnósticos para los verbos implicativos *lograr* y *(no)animarse a*

Considérese un contexto como el de (12):

(12) [*Contexto: Juan está terminando de escribir su tesis de la maestría en Ingeniería Ambiental. Su beca ya se terminó y pidió prórroga dos veces. En el grupo de amigos de Juan se preguntan sobre su situación.*].

Test A: *Lograr*

- (13) A: *¿Juan logró terminar la tesis?*
 B1: Sí, la terminó.
 B2: No, no la terminó.
 B3: #Sí, le fue difícil. / #Le fue difícil, sí.
 B4: #No, le fue fácil.

Test B: *Lograr*

- (14) A: ¿Juan logró terminar la tesis?
 B1: #Sí, pero no la terminó.
 B2: #No, pero la terminó.
 B3: Sí, pero no se esforzó en terminarla.
 B4: No, pero se tuvo que esforzar un montón.

Los tests aplicados a los ejemplos (13) y (14) muestran que el interlocutor no puede responder a la pregunta en cuestión a partir de un CS. En ambos casos, parece claro que *lograr* determina que la pregunta en cuestión es el complemento de infinitivo. En este sentido, *lograr* muestra una clara distribución entre el CPT y el CS. El contenido proyectivo de “esfuerzo” asociado con *lograr* es un CS. Las respuestas (14B1) y (14B2) dan lugar a inconsistencias semánticas (o contradicciones), ya que el hablante se compromete con la verdad de *Juan logró terminar la tesis* y con la verdad de *Juan no terminó la tesis*. (14B3) y (14B4), por su parte, verifican que el prerequisite de esfuerzo es el CS de *lograr*: el hablante puede estar equivocado con respecto al valor de verdad que asigna al CS, pero esto no vuelve inadecuado el enunciado¹¹.

Considérese un contexto como el de (15):

- (15) [Contexto: *Juan trabaja en la Facultad de Letras como ayudante grado 1. Desarrolla varias tareas de gestión, está terminando su tesis de maestría y, además, imparte dos cursos él solo de 300 estudiantes cada uno. Juan hace más de lo que le corresponde. En la oficina, sus compañeros hablan sobre el tema.*]

Test A: *(No)animarse a*

- (16) A: ¿Juan se animó a hablar con su jefe?
 B1: Sí, habló.
 B2: No, no habló.
 B3: Tremendos huevos tuvo, sí.
 B4: No tuvo la valentía, no.

El test A aplicado en (16) muestra que *(no)animarse a* presenta un comportamiento inesperado respecto de las predicciones de los tests. Si consideramos que el hipotético CPT de este implicativo es el descrito en el complemento de infinitivo, *(no)animarse a* permite responder a la pregunta en cuestión a partir de un CS, como se ve en B3 (*tremendos huevos tuvo*) y B4 (*no tuvo la valentía*).

Test B: *(No)animarse a*

- (17) A: ¿Juan se animó a hablar con su jefe?
 B1: #Sí, pero no habló.
 B2: #No, pero habló.
 B3: #Sí, pero fue un cagón.
 B4: #No, pero fue muy valiente.
 B5: Sí, pero no habló con su jefe. [*Se le rompió el auto de camino y no llegó.*]
 B6: No, pero tuvo la valentía. [*Se le rompió el auto de camino y no llegó.*]

¹¹Si bien en este trabajo no abordo los distintos tipos de CS, si se trata de implicaturas, presuposiciones, etc., este comportamiento es característico de las implicaturas convencionales (Potts, 2005), esto es un indicador de que es un tipo de CS.

Con respecto al test B aplicado en (17), cabe notar lo siguiente. En un contexto como el de (15), las respuestas B1-B4 son inadecuadas. Por un lado, B1 y B2 dan lugar a inconsistencias semánticas, en la medida en que el hablante se compromete con *Juan habló con su jefe* y con *Juan no habló con su jefe* a la vez. Nótese que también hay inconsistencia en B3 y B4, donde el hablante responde afirmativamente/negativamente al CPT y la continuación adversativa contiene el hipotético CS. Por otro lado, las respuestas de B5 y B6 son adecuadas. El interlocutor B indica, en estos dos casos, la razón por la cual Juan no habló con su jefe. B5 y B6 son evidencia de que la pregunta en cuestión puede apuntar a si Juan tuvo la valentía de hablar con su jefe (B5) o a si Juan habló con su jefe (B6). El ejemplo de (17) bajo un contexto determinado muestra que el CPT de *(no)animarse a* varía según lo que el hablante está considerando como pregunta en cuestión en ese contexto. Tomadas en su conjunto, las respuestas de (17) parecen estar indicando que *(no)animarse a* invoca una condición necesaria (pero no suficiente) para la realización del evento descrito en el complemento de infinitivo. Tal como lo evidencian B5 y B6, verificar positivamente que el sujeto actuó de manera valiente no garantiza que la realización del evento del infinitivo se realice. Puede haber otras causas necesarias abiertas en el contexto, por ejemplo, que se rompa el auto de Juan de camino a hablar con su jefe. Lo que no puede pasar es que Juan no haya sido valiente y haya hablado con su jefe (17 B3-B4). Esto es un indicador de que no se puede cancelar el entranamiento de *(no)animarse a* bajo polaridad negativa, como se vio en (6c)¹².

5 Discusión

Los resultados de los tests muestran que *lograr* presenta una clara distribución entre el CPT y el CS: el CPT es transmitido por el complemento de infinitivo, que es el que aborda la pregunta en cuestión. El contenido de *lograr* asociado con el esfuerzo requerido por el sujeto para realizar la acción del complemento es un CS que no puede responder a la pregunta en cuestión. Por su parte, *(no)animarse a* redistribuye, según el contexto, el CPT y el CS permitiendo responder a la pregunta en cuestión mediante el CS. Este comportamiento es inesperado en relación con las predicciones de los tests (no se puede responder a un CPT mediante un CS). Estos resultados permiten integrar los implicativos a un conjunto de expresiones que muestran variabilidad proyectiva. La Tabla 2 recoge los datos de Tonhauser (2012) respecto de los tests A y B e incluye los datos de los implicativos¹³. En gris figuran las expresiones que se comportan de manera esperada en cuanto a la distribución de los dos tipos de contenidos: los apositivos (Tonhauser, 2012) y *lograr*. El resto de las expresiones proyectivas de la tabla muestran variabilidad en cuanto a la distribución de estos contenidos. A este conjunto se integra *(no)animarse a*.

¹²Agradezco la pertinencia de la observación de un evaluador anónimo.

¹³Los datos de la tabla deben leerse de la siguiente manera: el símbolo ✓ indica que el contenido proyectivo es un CS. El (✓) indica que el test sugiere que el contenido proyectivo es un CS. La cruz ✗ indica que el test no distingue entre CPT y CS.

Tabla 2 — Distribución de CPT y CS en expresiones proyectivas

Diagnóstico de <i>lo principal a transmitir</i>		
Expresión proyectiva (contenido)	Test A	Test B
Apositivos (implicación de valoración)	✓	✓
<i>Saber</i> (implicación del complemento)	✓	✗
<i>Casi</i> (implicación de polaridad)	✓	✗
SN posesivo (implicación posesiva)	✓	(✓)
<i>Solo</i> (implicación de la preyacente)	✗	✗
<i>Dejar de</i> (implicación de pre-estado)	✓	✗
Lograr (implicación de esfuerzo)	✓	✓
<i>Animarse a</i> (implicación de acción de valentía)	✗	✗

Fuente: elaborado por la autora a partir de Tonhauser (2012).

Para concluir, los datos de los implicativos permiten responder a las preguntas planteadas sobre el aporte que hace el implicativo al CPT y al CS de la oración en la que aparece. *Lograr* distribuye convencionalmente el CPT y el CS. *(No)animarse a* distribuye de manera variable los contenidos. Esta variabilidad está sujeta a ciertas restricciones contextuales. Más precisamente, el CPT de *(no)animarse a* está sujeto a lo que los hablantes entienden, según el contexto, por la pregunta en cuestión. En este sentido, considero necesario a futuro analizar estos resultados a la luz de la idea de Tonhauser *et al.* (2018) de que la variabilidad proyectiva responde a un *principio de proyección gradual*.

Referencias

- KARTTUNEN, Lauri. Implicative verbs. *Language*, v. 47, n. 2, p. 340-358, 1971.
- KARTTUNEN, Lauri; PETERS, Stanley. Conventional Implicature. *Syntax and Semantics: Presupposition*, v. 11, p. 1-56, 1979.
- NADATHUR, Prerna. Causal Semantics for Implicative Verbs. *Journal of Semantics*, v. 40, n. 2-3, p. 311-358, 2023.
- POTTS, Christopher. Presupposition and implicature. In: LAPPIN, Shalom; FOX, Christopher. *The Handbook of Contemporary Semantic Theory*. Oxford: Blackwell, 2015.
- TONHAUSER, Judith; BEAVER, David; DEGEN, Judith. How Projective is Projective Content? Gradience in Projectivity and At-issueness. *Journal of Semantics*, v. 35, p. 495-542, 2018.
- TONHAUSER, Judith. Diagnosing (not-)at-issue content. *Proceedings of Semantics of Underrepresented Languages in the Americas 6*. Amherst, MA: GLSA Publications, 2012. p. 239-54.

Squib recibido en 11 de septiembre de 2024.

Squib aceptado en 10 de diciembre de 2024.

A variação morfológica na realização do *perfect* universal no italiano

Thais Lima Lopes*

Resumo

Neste trabalho, objetiva-se investigar a variação morfológica na realização do aspecto *perfect* universal associado ao presente no italiano. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica da literatura, assumindo a hipótese de que ela confirmaria os dados apresentados por Nespoli (2018), indicando que há uma variação entre o presente simples e a perífrase progressiva com auxiliar no presente para veicular *perfect* universal associado ao tempo presente nessa língua. A partir das descrições presentes na literatura, identificou-se que o *perfect* universal pode ser realizado no italiano através de três formas verbais: o presente simples, a perífrase progressiva com auxiliar no presente e o passado composto (associado ao advérbio *finora* ('até agora') e a verbos com propriedades aspectuais específicas). A hipótese, portanto, foi refutada.

Palavras-chave: aspecto; *perfect*; italiano; realização morfológica; revisão sistemática

Abstract

The aim of this study is to investigate the morphological variation of the realization of universal perfect aspect associated with the present in Italian. In order to do that, a systematic review of the literature was made, assuming the hypothesis that it would confirm the data presented by Nespoli (2018), indicating that there is a variation between the Present Simple and the progressive periphrasis with the auxiliary verb in the present to express universal perfect associated with the present in this language. Based on the description previously made in the literature, we identified three verbal forms expressing universal perfect: the Present Simple, the progressive periphrasis with the auxiliary verb in the present and the compound past (associated with the adverb *finora* ('until now') and verbs with specific aspectual properties). Therefore, the hypothesis was refuted.

Keywords: aspect; perfect; Italian; morphological realization; systematic review

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. E-mail: thaislopes@letras.ufrj.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-7250-197X>.

1 Introdução

Tendo como base o arcabouço teórico do Gerativismo e assumindo a existência de universais linguísticos, este trabalho, à luz da Cartografia Sintática, se baseia na proposta de que traços que nucleiam projeções funcionais sejam universais, organizados em uma estrutura rígida e hierarquizada, e a variação esteja restrita ao modo como tais traços são realizados (Cinque, 1999; Sigurdsson, 2004).

Partindo desse pressuposto, o presente estudo tem como objetivo investigar a variação morfológica na realização do aspecto *perfect* universal (doravante PU) associado ao presente no italiano¹, uma vez que sua realização pode nos dar indícios das informações subjacentes deste aspecto, assumindo que o traço associado a ele projeta um sintagma na camada funcional da estrutura sintática (Nespoli, 2018; Nespoli; Martins, 2018). O aspecto *perfect* pode ser descrito como um aspecto que releva um intervalo de tempo entre o momento do evento e o momento de referência e, quando este aspecto está associado ao tempo presente, o momento de referência é equivalente ao momento do enunciado. Quando se trata do PU, o momento do evento se estende até o momento de referência, ou seja, do enunciado, como se observa no exemplo (1), o qual descreve uma situação iniciada no passado (Maria se mudou para o Rio de Janeiro em 2015) e se estende até o momento do enunciado (ela ainda mora lá):

- (1) Maria mora no Rio de Janeiro desde 2015.

Em seu estudo comparativo entre línguas românicas, Nespoli (2018) identificou que o PU associado ao presente no italiano pode ser realizado por duas formas verbais, a saber: o presente simples e a perífrase progressiva com auxiliar no presente, conforme os exemplos extraídos de Nespoli (2018, p. 90 e 91) e reproduzidos em (2) e (3), respectivamente.

- (2) Faccio l'infermiere professionale da circa un anno
 fazer.1SG.PRES enfermeira profissional desde cerca um ano
 e mezzo.
 e meio
 'Sou enfermeira profissional há cerca de um ano e meio.'

- (3) Da tempo sto insegnando in una scuola superiore.
 desde tempo estar.1SG.PRES ensinar.GER em una escola superior
 'Há um tempo estou dando aulas em um colégio.'

Com o intuito de verificar os dados descritos por Nespoli (2018), foi realizada uma revisão sistemática da literatura sobre as realizações morfológicas do PU associado ao presente no italiano. A hipótese deste trabalho é a de que a revisão sistemática da literatura confirmará os dados apresentados por Nespoli (2018) indicando que há uma variação entre o presente simples e a perífrase progressiva com auxiliar no presente para veicular PU associado ao tempo presente no italiano.

O presente trabalho se divide em três seções: na seção 2, apresentamos os pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa; na seção 3, descrevemos a metodologia adotada; e, na seção 4, apresentamos e discutimos os resultados obtidos.

¹O levantamento realizado neste estudo analisa o italiano padrão, não fazendo qualquer consideração sobre o comportamento das demais línguas faladas na Itália (popularmente denominadas como dialetos) acerca do fenômeno investigado.

2 Pressupostos teóricos

Os estudos gerativistas têm como objetivo geral investigar o que constitui o conhecimento linguístico do falante, buscando entender os princípios presentes na Gramática Universal (GU), sobre os quais diferentes propostas foram feitas (cf. Holmberg, 2017). O presente estudo assume o pressuposto de que traços que nucleiam projeções funcionais sejam universais e, portanto, a variação estaria presente somente na sua realização morfológica (Cinque, 1999; Sigurdsson, 2004). Sendo assim, observar as realizações morfológicas de uma língua pode nos dar pistas em relação à natureza dos traços contidos na GU.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o aspecto *perfect*, que pode ser descrito como um aspecto que releva um intervalo de tempo entre o momento do evento e o momento de referência (Pancheva, 2003). Diferentes classificações foram propostas em relação ao *perfect* (Comrie, 1976; Pancheva, 2003), e este trabalho adota a proposta de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), que subdividem esse aspecto em dois tipos, a saber: *perfect* universal (PU) e *perfect* existencial (PE). A principal diferença entre os dois tipos seria a de que, no PU, o momento do evento se estende até o momento de referência, enquanto, no PE, o momento do evento se encerra antes do momento de referência, ainda que o evento repercuta neste segundo momento. Quando associado ao presente², o momento de referência é equivalente ao momento do enunciado. Em (4) e (5), temos exemplos de PU e PE, respectivamente, associados ao presente no italiano.³

(4) Ana lavora qui da 10 anni.
 Ana trabalhar.3SG.PRES aqui desde 10 anos
 ‘Ana trabalha aqui há 10 anos.’

(5) Luca ha già visitato il Colosseo.
 Luca haver.3SG.PRES já visitar.PART o Coliseu
 ‘Luca já visitou o Coliseu.’

Em (4), observa-se que a informação descrita pelo verbo *trabalhar* iniciou-se no passado (mais especificamente *há 10 anos*, como marcado pela expressão adverbial presente na sentença) e permanece sendo verdadeira até o momento de referência. Já em (5), a informação veiculada pelo verbo *visitar* ocorreu no passado, mas seus efeitos ainda repercutem no momento de referência (os efeitos de vivenciar a experiência de visitar o Coliseu permanecem, não podendo ser desfeitos — ele não pode ser “desvisitado”).

Para investigar a representação mental do *perfect*, Nespoli (2018) fez uma análise comparativa dos dados de suas realizações morfológicas e adverbiais em línguas românicas, entre elas, o italiano. Para tal, ela realizou um levantamento bibliográfico a respeito dessas realizações, bem como analisou dados de fala provenientes do *corpus* C-ORAL-ROM. Seus resultados concernentes às formas verbais empregadas na veiculação do *perfect* indicaram que o italiano utiliza, para a realização de PU associado ao presente, o presente simples e a perífrase progressiva com auxiliar no presente, e, para a realização de PE associado ao presente, o passado composto.

²Apesar de o recorte deste estudo analisar o *perfect* associado ao tempo presente, ele também pode estar associado ao passado e ao futuro.

³Os exemplos em (4) e (5) foram elaborados pela autora.

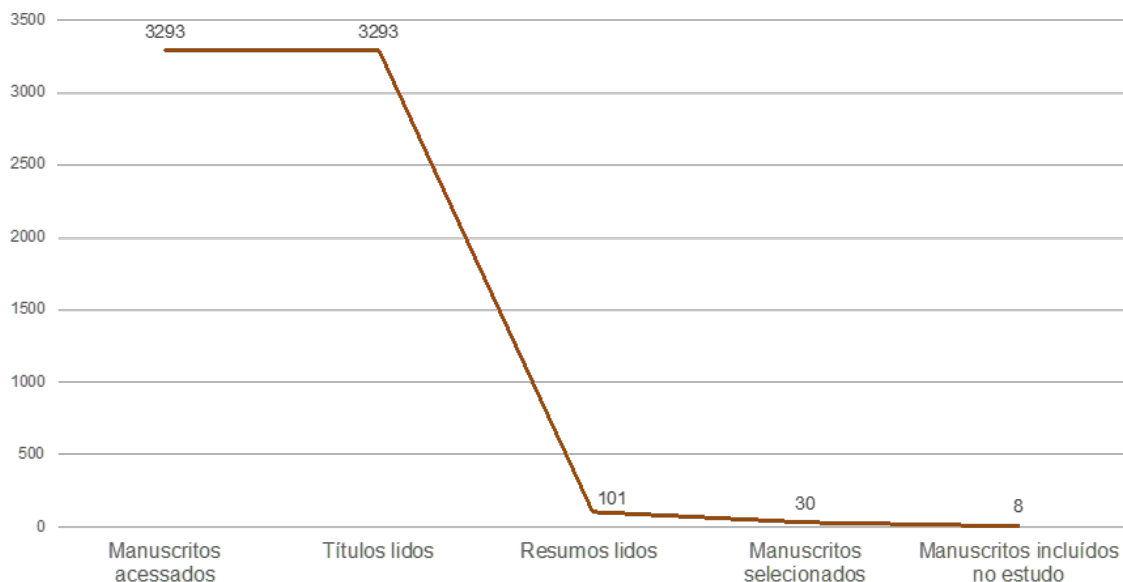
Neste estudo, com o objetivo de investigar as variantes utilizadas em italiano para veicular PU associado ao presente, visando contribuir com a descrição dessa língua e com o entendimento acerca desse fenômeno linguístico variável, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, cujos detalhes serão apresentados a seguir.

3 Metodologia

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, através de uma pesquisa indexada nas plataformas SciELO, Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Para tal, foram utilizados os seguintes descritores, utilizados em português, inglês e italiano nas plataformas: “italiano”, “flexão verbal”, “morfologia verbal”, “forma verbal”, “aspecto”, “tempo”, “*perfect*”, “verbo”. Como primeiro critério de exclusão, foram eliminados os estudos não relacionados a linguística e os textos publicados em idiomas não dominados.

A partir desta busca, foram acessados 3.293 manuscritos, cujos títulos foram lidos. Desse, foram selecionados 101 manuscritos para que fosse feita a leitura de seus resumos. A partir dos resumos, 30 manuscritos (entre eles, artigos, livros e teses) foram selecionados para a leitura completa, dos quais 8 apresentavam informações a respeito da realização verbal do PU associado ao presente no italiano, nosso objeto de estudo, ainda que não utilizassem esta nomenclatura em seus textos. O gráfico abaixo (Figura 1) representa as etapas de seleção dos manuscritos descritas anteriormente.

Figura 1 — Etapas de seleção dos manuscritos



Fonte: elaborado pela autora.

Os oito manuscritos incluídos nesta pesquisa para a verificação da hipótese de pesquisa apresentada na introdução foram, em ordem crescente do mais antigo para o mais recente em relação ao ano de publicação, as obras de Bertinetto (1997), Arcodia (2006), Martínez-Atienza (2006), Pippa (2006), Arosio (2010), Quercioli (2011), Zotti (2011) e Yamamura (2018).

4 Resultados

Dos oito manuscritos relevantes para o objeto de estudo deste trabalho, 62,5% descreviam estudos teóricos, 25% traziam análises de *corpus* e 12,5%, estudos experimentais. Metade dos manuscritos foram publicados entre 1997 e 2006 e a outra metade entre 2010 e 2018. Em relação ao idioma de publicação, 37,5% dos manuscritos estavam escritos em italiano, 25% em inglês, 25% em espanhol e 12,5% continham italiano e inglês em seu texto.

Os manuscritos consultados, no geral, não se utilizam da nomenclatura descrita neste estudo. Nesses casos, foram observadas as morfologias utilizadas nos exemplos apresentados em que se podia verificar claramente o contexto de veiculação de PU associado ao presente, seja pela descrição da situação, nos casos de exemplos retirados de *corpus*, pela observação das morfologias utilizadas na língua inglesa (que apresenta, entre outras variantes, uma forma verbal característica para a veiculação de PU associado ao presente: a perífrase *have* ('ter')+ participípio, forma verbal denominada *Present Perfect*), nos casos de exemplos retirados de traduções entre inglês e italiano⁴, bem como a interpretação da descrição das características da utilização das morfologias apresentadas, seus usos e suas associações com expressões adverbiais.⁵

Foram descritas três formas verbais utilizadas em contextos de PU associado ao presente, a saber: o presente simples, a perífrase progressiva com auxiliar no presente e o passado composto (associado ao advérbio *finora* ('até agora')). Nas sentenças (6) a (8), pode-se observar, respectivamente, um exemplo para cada forma verbal descrita.

- (6) **Vivo** lì da dieci anni.
 viver.1SG.PRES ali desde dez anos
 'Vivo ali há dez anos.'

(Arcodia, 2006, p. 19)

⁴A observação das sentenças apresentadas em inglês para desambiguidade de contextos e verificação de veiculação de PU + presente ocorreu em duas situações: em um caso, um dos manuscritos apresentava um estudo feito a partir de um *corpus* de traduções de um mesmo livro, cuja versão original foi escrita em língua inglesa, feitas para diferentes línguas, entre elas, o italiano. Em outros casos, em manuscritos publicados em inglês, foi observada a glosa feita em inglês dos exemplos apresentados em italiano.

⁵Mais informações sobre advérbios associados à veiculação de *perfect* podem ser encontradas em Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Nespoli (2018).

- (7) Vedete, **sto** **raccogliendo** del materiale molto interessante
 vejam estar.1SG.PRES recolher.GER dos materiais muito interessantes
 per scrivere un libro sul mio lavoro.
 para escrever um livro sobre-o meu trabalho
 'Vejam, estou recolhendo uns materiais muito interessantes para escrever
 um livro sobre o meu trabalho.'

(Yamamura, 2018, p. 86)

- (8) Finora **ho** **abitato** a Torino.
 até agora haver.1SG.PRES morar.PART a Turim
 'Até agora moro em Turim.'

(Bertinetto, 1986, p. 418-419 *apud* Arcodia, 2006, p. 20)⁶

No Quadro 1, a seguir, pode-se verificar as obras consultadas que faziam referência a cada uma das formas verbais veiculadoras de PU associado ao presente de acordo com a análise empreendida dos exemplos e/ou descrições encontradas nos textos.

Quadro 1 — Resumo das morfologias descritas e suas referências

Morfologia	Referências
Presente simples	Martínez-Atienza (2006), Arcodia (2006), Pippa (2006), Arosio (2010), Bertinetto (1997), Quercioli (2011).
Perífrase progressiva	Yamamura (2018), Pippa (2006).
Passado composto	Arcodia (2006), Zotti (2011).

Fonte: elaborado pela autora.

O presente simples foi a forma verbal que mais apareceu nos manuscritos consultados, tanto nas descrições dos contextos de uso quanto nos exemplos apresentados, seguido pela perífrase progressiva com auxiliar no presente que, apesar de aparecer no mesmo número de manuscritos em que o passado composto, era descrita com mais detalhes e exemplos.

O uso do passado composto para veicular PU não havia sido descrito por Nespoli (2018), não tendo sido encontrado nos dados analisados pela autora. Os dois autores que citam essa utilização o fazem com base na descrição feita por Bertinetto (1986, p. 418-419 *apud* Arcodia, 2006, p. 20), que define esse uso do passado composto como um uso inclusivo, descrevendo que sua ocorrência acontece com predicados de ação durativa não-télica, ou que fique atélica pelo contexto, bem como predicados estativos pela presença da negação, quando na presença de uma expressão adverbial que faça alusão ao momento do evento. No exemplo apresentado pelo autor e reproduzido aqui em (8), a ação expressa pelo verbo *morar* (*abitare*) permanece sendo verdadeira no momento da fala

⁶Nas traduções apresentadas, foram utilizadas formas verbais produtivas para veiculação deste aspecto no português brasileiro quando a tradução literal não trazia a informação aspectual equivalente.

uma vez que essa inclusão se dá pela presença do advérbio *finora*, expressando, portanto, PU associado ao presente.

Lopes e Nespoli (2024), analisando o passado composto no português do Brasil e no italiano do norte da Itália, descreveram que, essa perífrase, que canonicamente apresenta um traço de [-CONTINUIDADE] (podendo expressar o aspecto perfectivo, quando associado ao traço [-RESULTATIVIDADE] ou PE, quando associado ao traço [+RESULTATIVIDADE]), pode apresentar o traço [+CONTINUIDADE], em um contexto restrito à presença do advérbio *finora* e de formas verbais com propriedades aspectuais menos dinâmicas.

5 Considerações finais

Considerando a proposta de que as projeções sintáticas sejam universais e que as variações aconteçam somente no âmbito das suas realizações morfológicas, o presente estudo se propôs a analisar a variação morfológica do aspecto *perfect* do tipo universal associado ao presente no italiano. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática da literatura.

Os resultados indicaram a presença de três formas variantes utilizadas para a veiculação de PU associado ao presente, a saber: o presente simples, a perífrase progressiva com auxiliar no presente e o passado composto (associado ao advérbio *finora* ('até agora') e a verbos com propriedades aspectuais específicas).

Desse modo, defende-se que a revisão sistemática da literatura empreendida neste trabalho amplia a descrição desse fenômeno linguístico variável, demonstrando que parece haver uma terceira forma verbal variante para a realização morfológica do aspecto analisado não encontrada nos dados analisados por Nespoli (2018). Sendo assim, a hipótese levantada para este trabalho de que a revisão da literatura realizada confirmaria os dados apresentados por Nespoli (2018) foi refutada.

Os manuscritos acessados não apresentam informações que expliquem as motivações para que o falante utilize uma variante em detrimento das outras. Contudo, acreditamos que um estudo aprofundado sobre as propriedades subjacentes a cada forma verbal, bem como suas interações com as características semânticas dos verbos possa trazer informações relevantes sobre o uso de cada variante. Dessa forma, um possível desdobramento desta pesquisa é a análise da relação entre os tipos de verbos de estado e as restrições de uso da perífrase progressiva e da veiculação de PU através do passado composto associado ao advérbio *finora*.

Referências

ARCODIA, Giorgio Francesco. Sistemi aspettuati a confronto: inglese, italiano e cinese. *Rivista Italiana di Linguistica e Dialettologia*, n. 8, p. 87-104, 2006.

AROSIO, Fabrizio. Inflectum and Perfectum: two faces of tense selection in Romance languages. *Linguistics and Philosophy*, v. 33, p. 171-214, 2010.

BERTINETTO, Pier Marco. *Il Dominio tempo-aspettuale: demarcazioni, intersezioni, contrasti*. Torino: Rosember & Sellier, 1997.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistics perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

HOLMBERG, Anders. Universal Grammar. In: LEDGEWAY, Adam; ROBERTS, Ian (ed.). *The Cambridge Handbook of Historical Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 275-300.

IATRIDOU, Sabine; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; IZVORSKI, Roumyana. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim (ed.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

LOPES, Thais; NESPOLI, Juliana. As propriedades aspectuais do passado composto: uma análise comparativa entre o português do Brasil e o italiano. In: *XIII ROMANIA NOVA*, 2024, Florianópolis. 2024. Apresentação de trabalho.

MARTÍNEZ-ATIENZA, María. El sistema tempo-aspectual del español, italiano e inglés: un análisis contrastivo. *Actas del XXXV Simposio de la Sociedad Española de Lingüística*, León, Universidad de León, 2006, p. 1266-1288.

NESPOLI, Juliana Barros; MARTINS, Adriana Leitão. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise comparativa entre o português e o italiano. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, n. 1, Campinas, p. 30-46, 2018.

NESPOLI, Juliana. *Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PANCHEVA, Roumyana. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim (ed.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

PIPPA, Salvador. Venir, vir, venire + gerundio nella perifrasi continua: quale traduzione verso l'italiano? In: BENELLI, Graziano; TONINI, Giampaolo (ed.). *Studi in ricordo di Carmen Sánchez Montero*. v. 2. Trieste: EUT Edizioni Università di Trieste, 2006. p. 349-358.

QUERCIOLO, Fiorenza. *L'acquisizione delle strutture aspettuative nell'italiano L2: prospettive teoriche e descrittive nelle produzioni narrative di apprendenti angloamericani*. Tesi (Dottorato in Linguistica) – Università Degli Studi di Firenze, Firenze, 2011.

SIGURÐSSON, Halldór Ármann. Meaningful silence, meaningless sounds. *Linguistic Variation Yearbook*, n. 4, p. 235-259, 2004.

YAMAMURA, Hiromi. Un estudio contrastivo-descriptivo de la perífrasis española "estar+gerundio", la perífrasis italiana "stare+gerundio" y la perífrasis francesa "être en train de+infinitif". *Studies in Languages and Cultures*, v. 40, p. 85-101, 2018.

ZOTTI, Patrizia. *Tense, aspect and the semantics of event description: towards a contrastive analysis of Italian and Japanese*. Saarbrücken: Lambert Academic Publishing, 2012.

Squib recebido em 19 de maio de 2024.

Squib aceito em 10 de dezembro de 2024.